Arsenal do Exercito

O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 20 DE FEVEREIRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:348

Factos & Criticas

Vamos concluir.

Depois de muitos artigos, no sentido d'aquelles que ficam mencionados e em parte transcriptos, publicavamos um, em 8 de dezembro de 1907, no qual, entre outras coisas, escreviamos:

«O remedio é esperar. A dictadura não se póde manter por muito tempo. Porque se a quizerem manter atravez de tudo, então é certo que se fórma a conflagração que não está ainda preparada.

O remedio é esperar. N'este instante não se faz nada. Os monarchicos retrahem-se. Os republicanos não dispõem de elementos de exito, nem coisa que se pareça, para uma acção immediata. Suppomos os seus dirigentes capazes de todas as asneiras. De todas! Esses homens que accusam o paiz, que zombam do povo, que despedem tropos inflammados sobre a covardia, a ignorancia, o egoismo, a abjecção nacional, são, com raras excepções, tudo quanto ha de mais incoherente, de mais insensato, de mais infantil, de mais disparatado. Emfim, de mais incapaz. Com a mesma inconsciencia, representada em Affonso Costa, com que foram para a camara falar na guilhotina applicada ás pessoas reaes, com a mesma inconsciencia, representada em Brito Camacho, com que davam certa a *vinda para a rua* do partido republicano, *para deitar a terra o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional*, se o rei e João Franco se não apressassem a pôr Schroeter fóra do ministerio, com a inconsciencia, ainda mais desordenada, com que o *Mundo* e outros um milhão de vezes déram como certa e segura a revolução, são hoje capazes d'um chinfrim, d'uma *intentona* de qualquer ordem ou de qualquer grau, muito convencidos de que deitam a terra, emfim, *o velho e arruinado edificio da legalidade monarchica e constitucional*.

Será o ultimo desastre. E um grande desastre! Será a ultima prova da vergonhosa e criminosa incapacidade dos chefes republicanos em Portugal. Sim. Criminosa incapacidade! Vergonhosa incapacidade!

O que succederá em cima d'esse desastre nem o queremos dizer. Nem é preciso. Todos o preveem facilmente.

Parece que o poder não quer outra coisa. Seria para elle *uma limpeza!*

Parece que o poder não quer outra coisa e já aqui o previamos em 29 de setembro na *Carta de Lisboa*.

«Quem sabe — diziamos — se da parte dos altos poderes do Estado não ha uma provocação? Quem sabe? Não desagradaria a alguem viver mais quinze annos descançado. Depois do 31 de janeiro houve 14 ou 15 annos de folga. Pois não vinham do céo mais outros quatorze, mais outros dez annos, que fossem, de absoluta tranquillidade?

Quem sabe se os altos poderes do Estado desejam *uma manifestação?* Quem sabe se a provocam?

Elles conhecem muito bem, ou teem obrigação de conhecer, os nossos conspiradores profissionaes. Sabem de quanto é capaz o seu talento de conspiração. Ao mesmo tempo *estão preparados*. Lá isso estão. Quem sabe se em tudo quanto se passa não ha, no todo ou em parte, uma provocação? Quem sabe? A monarchia portugueza já não vive, já não póde viver senão de *expedientes*. E esse, a ter, como tem, probabilidades de bom exito, seria um expediente á altura da situação. Não ha duvida.

E com esse plano se poderia, até, conjugar a propaganda que, por conta do governo, se vem fazendo insistentemente na imprensa extrangeira, propaganda na qual predomina a nota de que a dictadura se justifica por o paiz se *ter tornado ingovernavel*...

Assim diziamos. E, depois do que se passou d'então para cá, ninguem será hoje capaz de dizer que aventavamos uma estupidez!

Assim diziamos e assim dizemos. Assim temiamos e assim tememos. Um *passo em falso* n'esta altura será pretexto para as maiores tyrannias, para as mais estupendas arbitrariedades. Taes que, deante d'ellas, nos poderiamos lembrar com saudades das que se commetteram por occasião do 31 de janeiro!

Se o partido republicano tivesse chefes atilados á sua frente — e quando dizemos chefes não nos referimos sómente ao directorio — não deixariam elles de pesar a sério, muito a sério, as grandes, as tremendas responsabilidades d'esse *passo em falso*. Mas os chefes republicanos são o que se tem visto. De fórma que todos os receios se tornam justificados.

O partido republicano nada teria perdido sem as basofias, as fanfarronadas, os dichotes ridiculos da imbecilidade que a triste sorte pôz á sua frente. Um partido, embora se diga revolucionario, só tem obrigação de fazer a revolução quando se sinta com forças para isso. Não faz a revolução por *sentimentalismo*. Fa-la por conveniencia. Não faz a revolução *para perder*. Faz a revolução *para ganhar*. Não o guia a *honra do convento*. Guia-o o interesse supremo dos principios que diz representar. A Prussia soffreu em silencio a hegemonia da França na Europa até estar em condições de poder vencer a França. O Japão soffreu as humilhações da Russia até se sentir com forças de luctar vantajosamente com a Russia. O que se dá na vida dos povos dá-se na vida dos partidos.

Sem os seus erros, sem, sobretudo, as suas ridiculas, as suas vergonhosas fanfarronadas, a situação do partido republicano nada teria de deprimente n'esta occasião. Mas do mal o menos. A França encolheu-se em Fashoda e mudou de rumo. Não ficou, por isso, perdida a sua honra. Ao partido republicano só lhe resta, tambem, encolher-se e mudar de rumo.

O que elle faz, o que elle projecta, não sabemos, nem nos importa. Mas importa-nos muito o interesse da democracia em Portugal, que temos amado e pela qual temos soffrido. E porque a temos amado sempre, é que deixamos aqui expressamente o nosso aviso.

Que a não compromettam mais os que se dizem chefes republicanos. Mais, não. Bastam as asneiras e os crimes praticados. Mais, não!

Não tanto pelo que sabemos como *pelo que apalpamos* é nossa profunda convicção que *tudo quanto se fizer n'este momento resultará vencido*. E' nossa convicção profunda. E' nossa convicção inabalavel. E em falar n'este assumpto não levantamos lebres porque por demais anda a lebre levantada. Ora — ouçam bem — nada mais arriscado e porventura mais funesto que jogar agora uma cartada sem o maior numero de probabilidades. Façam-no. Mas que se não diga ao menos que não houve quem, contra isso, bem alto, como sempre, protestasse.

Façam-no.

Por nós, entendemos que só ha um recurso: deixar cahir por si a dictadura e aproveitar o *tempo bom* que vier em fazer melhor provisão de elementos e melhor sementeira para o futuro. Se a dictadura cahir breve. Se não cahir . . . que os seus adversarios tenham o bom senso de começarem desde já a preparar-se para, com o exito que hoje é tão fallivel, a deitarem então abaixo. N'uma palavra: em seguir rumo differente do que se tem seguido até hoje.

Menos parra e mais uva».

Continuamos a dizer: nós previamos tudo. Tudo! Tudo quanto uma intelligencia regular poderia prever. E, por isso mesmo, em vez de prevermos que João Franco e o rei praticariam a suprema tolice de não aproveitar o 28 de janeiro, ao contrario, admittiamos a hypothese de que elles, para esmagar os republicanos, até o . . . provocariam.

Bom julgador por si se julga. Nós, se fossemos rei ou João Franco, não o provocariamos. Mas o que nós faziamos, com toda a certeza, era . . . não lhe levantar embaraços e *aproveita-lo muito bem aproveitadinho*.

Em 19 de janeiro, continuavamos, n'um artigo intitulado *Revolução ou Evolução*, e respondendo a uma carta na qual nos perguntavam se o partido republicano deveria seguir a acção evolucionaria ou a acção revolucionaria:

Eu não sei se o partido republicano tem, ou não tem, elementos para fazer vingar uma revolução. O que sei é que nunca vi sahir triumphante uma revolução d'uma conspiração contada nos cafés, contada nas lojas, contada nas ruas publicas, contada em toda a parte. Nunca vi.

O governo sabe que se conspira. O governo conhece os agentes principaes da conspiração. O governo espera a toda a hora que essa conspiração se desate n'uma revolução. Elle chama-lhe *zaragata*. Mas chamemos-lhe nós revolução. Eu nunca vi, repito, triumphar em taes condições uma revolução.

Eu nunca vi.

Falemos assim claro, porque isto não compromette coisa nenhuma, nem ninguem. Póde-se dizer aqui perfeitamente o que se diz em toda a parte. Em toda a parte! O que se diz, não. Diz-se publicamente, á bocca cheia, muito, muito mais do que eu agora estou dizendo.

Tenho visto preparar conspirações e faze-las desatar em revolução n'um momento de grande excitação nacional. Tenho visto preparar conspirações, sobretudo de caracter militar, e faze-las rebentar, mesmo a frio, depois de terem sido conduzidas e mantidas n'um rigoroso segredo. Nunca vi nenhuma dar bom resultado, nenhuma depois de estar roto o segredo, que se é sempre a alma do negocio, é-o, sobretudo, n'esse grave, n'esse gravissimo negocio de conspirações.

Nunca vi. E nunca vi com figuras como Moreau, como Malet, como Prim, e como Saldanha, que em 1851 teve de fugir para Hespanha.

Eu gosto de lêr. Gosto de lêr coisas varias. E porque gosto de lêr conheço todas as conspirações da Italia, da França, da Hespanha e de Portugal. Todas. Lidas em auctores varios e não só em um auctor. Para este paiz ser unico em tudo, não ha na historia das conspirações coisa egual áquella que presenceâmos n'esta terra ha dezesete annos para cá.

O partido republicano deixa chegar as melhores occasiões de revolução sem ter um unico elemento para as aproveitar. Um unico! E' depois da occasião passada, quando já está morta, pode-se dizer, a revolução, — porque se a occasião em todas as coisas da vida é um factor importantissimo, e aproveita-la ou não aproveita-la é ganhar ou perder, em coisas de revolução não é já um valor importantissimo mas indispensavel, mas capital, mas decisivo, — é depois da occasião passada, quando já está morta, pode-se dizer, a revolução, que o partido republicano apparece á pressa a reunir elemento aqui e elemento acolá, annunciando então revolução certa, e não só revolução certa, como data certa, quasi hora certa, com detalhes de incidente, com exposição espectaculosa, com prophecias bandarras, que bacocos varios assoalham nos cafés, nas praças, nas ruas, nas lojas, emfim, por toda a parte.

Uma scena comica, burlesca, tão comica e burlesca que chega a ser ultrajante.

Póde vingar uma revolução d'essas? Pode. Mas n'um paiz de doidos, mas n'um paiz d'opera buffa. E' isto um paiz de opera buffa? E', sim. E'. Definitivamente. Isto é uma bufaria completa. Uma bufaria porca. Uma bufaria mal cheirosa. E então, meu senhor, não só é possivel, como é provavel que vingue a revolução. Torne o seu rosto prazenteiro.

O que eu lhe digo, porém, é que se eu fosse chefe d'uma conspiração d'essas, não assumia a tremenda responsabilidade de, nas condições que ficam referidas, sujeitar a revolução a um malogo desgraçado. Eu lh'o juro! Porque tambem lhe juro que o mallogro seria certo se, senhor do governo, senhor da praça, eu tivesse a certeza de que a praça ia ser cercada e assaltada. Ser-me-hiam falsos, dir-se-ha, os elementos com que eu contasse. Ser-me-hiam falsos. Falhar-me-hiam. Mas, mesmo assim, eu lhe continúo a jurar que, com tempo para reflectir em tudo isso, para contar com o certo e o incerto, para estudar planos varios, para pôr e dispôr, eu lhe juro, repito, eu lhe continúo a jurar, que o mallogro da revolução seria inevitavel.

Não lhe digo isto por despeito. Creia, meu senhor. Apesar de tudo, eu estimaria o triumpho do partido republicano. Por mais que elle esteja cheio de vicios, por menos que corresponda aos interesses da democracia, a Republica não seria peór do que isso que ahi está. Seria melhor. Apesar de tudo, seria melhor.

Mas, por isso mesmo que eu desejaria o triumpho da Republica, por isso mesmo acho que não ha crime egual ao de sujeitar a uma aventura, a uma verdadeira aventura, em momento tão perigoso como este, a sorte d'um partido, que, ainda que mal, é o unico representante das esperanças democraticas n'este paiz desgraçado.

Sejam felizes. Fiquem com as glorias do triumpho, se triumpharem. Não lh'as disputo, nem lh'as escureço. Mas fique-se sabendo que houve alguem que teve a coragem de dizer lealmente o que sentia n'esta hora grave, e que esse alguem, se não disputará, nem empannará glorias a ninguem, tambem não deixará de impôr tremendas responsabilidades aos auctores d'um desastre, se esse desastre, que seria certo n'um paiz de gente com juizo, fôr tambem certo n'este paiz de insignificantes, n'este paiz de macacos, para não offendermos os doidos chamando-lhe paiz de doidos. Doidos, não. Parvos, sim.

E viva, meu senhor.

Temos conversado».

Assim diziamos, nove dias antes da projectada revolução!

Nós previamos tudo. Tudo!

Em 26 de janeiro, dois dias antes da revolução, transcrevendo uns trechos do livro que publicámos logo após o 31 de janeiro de 1891, livro que vae agora ser reeditado, que é excellente como documento historico e indispensavel a quem quizer conhecer inteiramente essa coisa vergonhosa, immunda, que para ahi existe com a etiqueta de partido republicano, concluiamos:

«Assim diziamos ha dezesete annos e assim podemos dizer ainda hoje. Porque, como muito bem previamos ha dezesete annos, *o 31 de janeiro não foi uma licção, foi um incentivo*. Porque, como muito bem previamos ha dezesete annos, continuámos na mesma: os republicanos conspirando contra a republica e os monarchicos conspirando contra a monarchia. Porque, como muito bem previamos ha dezesete annos, o partido republicano, sempre declamando, sempre n'uma propaganda negativa, continuou fazendo a politica dos regeneradores quando estavam os progressistas no poder, e a politica dos progressistas quando os regeneradores substituiam no poder os progressistas. Menos a sua! Politica republicana nunca a fez, nunca a soube fazer o partido que em Portugal por escarneo se diz republicano! Porque, como muito bem previamos ha dezesete annos, o partido republicano cresce pelos erros dos monarchicos e não por effeito das suas doutrinas. Emfim, porque a monarchia, *tendo já ganho uma partida é muito possivel que ganhe ainda outra*, como tambem previamos ha dezesete annos.

Como nós temos visto e previsto tudo! O partido republicano de hoje é exactamente o partido republicano de 31 de janeiro. Morreu o Santos Cardoso. Mas ficou-lhe a raça e o espirito a dominar, aquillo que vergonhosamente se denomina democracia portugueza!

Exactamente, precisamente, o mesmo, o mesmissimo partido, que imbecilmente naufragou nas ruas do Porto. Assim como em 1890 foi apanhado de mãos vasias em 11 de janeiro, em 11 de fevereiro, na crise dos 27 dias, assim agora foi apanhado de mãos vasias nas occasiões mais propicias á revolução. Assim como em 1890 preparou tolamente, idiotamente, a conspiração de que resultou o 31 de janeiro, assim tolamente, idiotamente, preparou agora a conspiração de que pode resultar muito bem um outro 31 de janeiro. O mesmo romantismo, a mesma ingenuidade, a mesma bacoquice, a mesma confiança cega no triumpho, emfim, a mesma idiotía.

Palavrosos, romanticos, idiotas! Então como hoje. E hoje como ámanhã.

Eu não sei o que o governo vae fazer. Mas eu creio que o governo não faz nada, senão . . . quando elles sahirem, se sahirem, para a rua. Era facilimo ao governo armar uma conjuração, uma pavorosa, um trama, que levasse á cadeia ou ao degredo duas ou tres duzias de individuos mais perigosos. Quando não ha provas, os governos sem escrupulos, é da historia, não hesitam em arranja-las. Mas isso era menos completo que uma liquidação nas ruas. Os republicanos andam anchos julgando que o governo está cheio de medo. E' precisamente o que o governo deseja. Se esse é o meio dos republicanos irem para a rua, deixem estar que o governo collabora com elles no plano admiravelmente.

Foram os republicanos que salvaram de difficuldades a monarchia em 1891. Serão elles, ainda, que salvarão de difficuldades a monarchia em 1908?

Ve-lo-hemos.

Eu creio que é esse o plano da monarchia. Aqui o disse ha dois mezes, por duas ou tres vezes. Os republicanos, os idiotas, foram surdos, como sempre e . . . só muito contrariados deixarão de fazer a vontade á monarchia.

Que inferioridade!

Nunca a vi tamanha na historia».

Nós previamos tudo. *Tudo!* Só não previamos que João Franco e o rei tivessem a suprema imbecilidade de os não . . . *liquidar nas ruas!*

Essa imbecilidade, que deu a nota caracteristica, profunda, de que João Franco não era, afinal, um dictador e um homem d'estado.

Não obstante, o 28 de Janeiro de 1908 foi um desastre, como o tinha sido o 31 de Janeiro de 1891. Não obstante, sem o assassinato do rei, ainda assim a quadrilha republicana ficaria liquidada. Ainda assim, mesmo com o assassinato do rei, foram elles quem, mais uma vez, salvou a monarchia de difficuldades.

Idiotas! Miseraveis!

Mas póde um paiz estar á mercê, continuar á mercê d'esse bando d'idiotas, d'esse bando de miseraveis?

O paiz que attenda. O paiz que pense n'esse caso gravissimo. E' inteiramente impossivel continuarmos na vida em que vamos. N'esta vida de profunda indisciplina, de desordem, de sobresalto continuo. Nós succumbimos. Succumbiria todo e qualquer povo. Póde-se entregar o governo á infamissima quadrilha republicana? A essa corja? Á esse bando de imbecis e de tratantes? Responda a consciencia publica. Se não póde, e esta é a resposta, que fazer? Leval-os por bem é impossivel. Nada se consegue. E' impossivel!

Que fazer?

Remediar a suprema imbecilidade de João Franco: esmagal-os, liquidal-os, **sem dó nem piedade.**

E' preciso esmagar *todas as quadrilhas*. Mas se não começarmos pela quadrilha republicana, a mais ameaçadora, a mais perigosa, a mais hypocrita, a mais vil, a mais infame, não se fará coisa nenhuma. Então, estamos perdidos.

Portugal quer-se salvar? Esmaguemos o espirito de quadrilha. E, para isso, a primeira obra é levar a *ferro e a fogo* o que se denomina para ahi, irrisoriamente, partido republicano.

Nada de contemplações. E nada de demoras. Desde já, que amanhã, logo, pode ser tarde. *A ferro e a fogo.*

BANDIDOS

Era na Torre de S. Julião. Estava presente meu filho mais velho. Leonardo Coimbra, o conhecido estudante e eloquente orador libertario, que tinha ido com meu filho. Manuel Antonio d'Abreu, mestre de carpinteiros do cabo submarino de Carcavellos, republicano militante, meu patricio e amigo de ha trinta annos. E um operario carpinteiro, cunhado de Manuel Antonio d'Abreu.

Entraram tres homens, que eu nunca tinha visto. Iam-me visitar. Iam-me cumprimentar. Tinham admiração por mim, diziam, como adversario implacavel das quadrilhas politicas em geral e da quadrilha republicana em especial. Disseram os seus nomes. E deram a sua qualidade: operarios. Um, torneiro mechanico. Outro, alfayate. O terceiro, empregado n'uma casa de canalisações e de gazometros. Este chamava-se José Marques Rosa.

Falou-se no assumpto do dia: a minha questão com o Borracho. Na causa proxima e remota das perseguições que ha muitos annos se moviam contra mim: o odio implacavel dos republicanos. Quero dizer, dos bandidos que se dizem republicanos com a mesma verdade e propriedada com que eu me posso dizer anarchista ou miguelista. A conversa estendeu-se ás innumeras patifarias dos taes dictos republicanos. A's suas immoralidades. A's suas hypocrisias. A's suas infamias. Aos seus crimes. Contaram-me coisas. Coisas novas para mim. Eu disse das proezas inauditas que na vespera me tinham revelado pessoas insuspeitas, uma d'ellas republicano de cathegoria. E José Marques Rosa, n'essa altura, sahiu-se com a ciganice do Guerra Junqueiro.

Eu olhei para o homem, abysmado. Abysmado, mas desconfiado. Pois seria possivel?

Eu sabia, — sabia-o todo o mundo, menos o pobre Zé demagogo da *cauda lamacenta da democracia*, susceptivel de todas as violencias e de todos os crimes, mas sempre suppondo impeccaveis os santos da sua religião, religião do céo ou religião politica, — que o Guerra Junqueiro, em negociatas de bric-à-brac ou de livros, era capaz de roubar Christo. Mas o rei D. Carlos?!

Não que D. Carlos fosse mais do que Christo. Mas pelo que elle tinha dicto de D. Carlos depois de morto e em quanto vivo.

Pois quê? Pois a alma do miseravel seria tão mesquinha? Roubar o rei, e rouba-lo como um gatuno, rastejando na sombra, acobertando-se com um nome falso: M. J. Souza Nogueira, empregando o Liborio como gazua?! Depois do que tinha dicto, na *Patria*, de D. Carlos?! E escrevendo sobre a tragedia do Terreiro do Paço, mais tarde, o que de todo o mundo é conhecido?!

José Marques Rosa, o operario, percebeu a desconfiança. Percebeu? Viu-a. Eu não a occultava. E falou n'um tom de tal sinceridade que me deixou quasi convencido.

Vi desde logo que era intelligente. Muito intelligente. Pareceu-me serio. E tinha sido empregado na *Empreza Liquidadora*, do Liborio. Conhecia a casa, o dono da casa, e os freguezes, por dentro e por fóra. Estava a falar verdade, evidentemente. Obedecia a um impulso de nojo e de honestidade. Tanto mais que elle não esperava que eu tornasse o facto publico. Contava aquillo porque vinha a proposito: um incidente interessante da conversa.

Eu, porem, é que pensei immediatamente em castigar o bandido. Não que tivesse a menor má vontade ao poeta Guerra Junqueiro, que era, até, assignante do *Povo de Aveiro*. Achei-o sempre um homem sem principios. Como todos! Algumas vezes, por isso, vivamente o censurei n'este periodico. Mas prestava culto ao seu grande talento de poeta e fazia justiça a algumas das suas qualidades.

Não, digo, que tivesse a menor má vontade ao poeta Guerra Junqueiro. Mas porque julgava e julgo um dever d'alta moralidade e patriotismo liquidar todos os bandidos. Mas porque julgava e julgo que seria uma iniquidade poupar Guerra Junqueiro porque elle é . . . uma gloria litteraria. Quanto mais alto, mais criminoso. Quanto mais criminoso, mais responsavel. Mas porque esse homem, a ser verdade o que eu ouvia, esse homem que cantava amor em verso, perdão, fraternidade, doçura, brandura, era um tigre. Roubava o *rei dos adeantamentos*, collaborava com o *rei dos adeantamentos*, — indo-lhe á bolsa, — nos *adeantamentos*, e, depois, fazia a apotheose dos que tinham tirado a vida . . ao *rei dos adeantamentos*. Mas porque, emfim, . . . justiça a todos. Era o meu dever, na missão que me tinha imposto, na situação moral em que me tinha collocado, o meu imperioso dever de jornalista.

Marques Rosa voltou á Torre de S. Julião e eu disse-lhe o proposito em que estava. Porem, a duvidar ainda da infamia, tão grande ella se me afigurava. Fui indo, fui-me convencendo, acabei de me convencer de todo, e eis que surgem as transcripções da gazeta d'esse malandro que se chama França Borges. Era a occasião. E no numero de 6 do corrente, domingo gordo, contei, documentada e pormenorisada, a historia interessantissima da grande fajardice feita ao rei.

Hontem, terça feira, vi, entre os jornaes que chegam a esta redacção, e que quasi nunca leio, a *Patria*, gazeta do austero pulha de bem Duarte Leite. Como nunca a leio, como nunca a vejo, como nunca entra aqui, suppuz logo que alguem m'a enviava para eu ler n'ella qualquer coisa, como succede n'esta redacção, com gazetas varias, a todo o instante. E abri. Attonito, deparei com a carta de Guerra Junqueiro.

Guerra Junqueiro, eu já sabia que ha muita differença entre o genio e a intelligencia e que vale muito mais a intelligencia que o genio. Mas, áparte as suas faculdades de poeta, eu suppunha-o mais intelligente.

Se eu tivesse, Guerra Junqueiro, alguma duvida sobre a sua infamia, acabando de ler a sua carta ficava sem duvida nenhuma. Nenhuma! Como é o senhor, Guerra Junqueiro, tão pouco intelligente? Pois o senhor não viu que *confirmava tudo* a pretender *desmentir tudo?*

«Tudo isto é assombroso, fantastico, inaudito, inacreditavel,» diz o senhor. O que é *assombroso, phantastico, inaudito, inacreditavel*, Guerra Junqueiro, é, n'este caso, a sua estupidez. Não é já sua infamia. E' a sua estupidez!

Como foi, porque foi que lhe *segredou* o coração? Então um simples bilhete anonymo deixa-lhe o coração em tique-taque, a um homem da sua cathegoria, ao senhor?! Quantos bilhetes anonymos a injuria-lo, quantas cartas, não tem o senhor recebido na sua vida? Milhares. Como eu. Como todos nós que andamos n'esta labuta do jornalismo e das lettras. Pois ficou-lhe o coração em tique-taque, só porque um *imbecil*, um *bruto*, um *malandro anonymo* lhe disse que o senhor tinha *enganado o rei com objectos de arte?!* E correu logo a Lisboa?!

O senhor é admiravel, Guerra Junqueiro. N'este caso especial, admiravel d'imbecilidade. Admiravel d'estupidez. O senhor corre a Lisboa, com o coração em tique-taque, para quê? Para se *prevenir* contra o bilhete *anonymo*, d'um *malandro*, d'um *bruto*, d'um *imbecil?* **Sómente** para se *prevenir?* Por **tão pouco?** Contra **tão pouco?** E a quem se dirige? Ao Liborio?

O senhor é admiravel d'imbecilidade, Guerra Junqueiro, admiravel d'estupidez.

O senhor só agora conhece os reclamos do *Diario de Noticias*, e pelas transcripções. E o *Salão de Vendas?* Então o senhor, cigano, socio do Liborio, homem de bric-à-brac, de bijuterias, amador de coisas ricas e de coisas raras, não conhecia o *Salão de Vendas*, o orgão illustrado do Liborio?! A sua mentira é flagrante, Guerra Junqueiro. A sua atrapalhação é manifesta. O senhor perturba-se, Guerra Junqueiro. E essa perturbação, essa atrapalhação, essa mentira é a denuncia clara do seu crime. O senhor, ao que se vê, só é Guerra Junqueiro . . . em verso. Em prosa, pelo menos agora . . . é, como na *Empreza Liquidadora*, M. J. Souza Nogueira, socio do Liborio!

Mas vamos a ella, á prosa. Não se dirá, jámais, que não procedemos sempre com lealdade.

Eis o que Guerra Junqueiro disse na *Patria*.

Amigo e sr. Redactor:

Acabo de lêr na "Palavra„ transcripto do *Povo de Aveiro*, um artigo accusando-me, ora imaginem de quê? De roubo! Quem foi a minha victima? D. Carlos! O auctor da *Patria* roubou D. Carlos! Duvidam? Ouçam. Ahi vão, crueis, um a um, os factos allegados:

1.º—Ha doze annos eu puz á venda em Lisboa, nos armazens de José dos Santos Liborio, na Avenida, uma quantidade de objectos d'arte, sem valor de nenhuma especie.

2.º—A taes bujigangas mandei fazer no "Diario de Noticias„ reclamos pomposos e fabulosos.

3.º—Os objectos estavam expostos, de maneira a não serem tocados e analysados. Quem os quizesse, a distancia os tinha de ver e de comprar.

4.º—D. Carlos foi attrahido por Liborio, de connivencia comigo, a essa exposição de porcarias, dolosamente organisada e annunciada.

5.º—O rei, alem de muitos objectos que o artigo não menciona, comprou trez, que nada valiam, por nove contos de réis. Um d'elles era um tapete, adquirido por sete contos, e a que o sr. D. Carlos deu depois o unico destino que merecia: capacho, onde os trolhas largavam a lama dos tamancos.

Tudo isto é assombroso, phantastico, inaudito, inacreditavel! E'. Mas houve quem o escrevesse, e o transcrevesse piamente.

Quando D. Carlos subiu ao throno, os seus amigos, os que haviam de figurar mais alto no seu reinado, eram tambem amigos meus ou meus companheiros quotidianos. Pelas minhas faculdades, pela minha intelligencia e convivencia chegaria breve e sem custo ao pincaro das ambições, instalando-me, se o desejasse, em gordas sinecuras, magnificentes e lucrativas.

Pois voltei as costas ao throno, ás mundanidades ambiciosas e vaidosas, deixei a estrada da realeza, tão plana e tão macia, tão agradavel de andar e de calcar, embrenhando-me por montes agrestes, por caminhos perdidos e solitarios. Abandonei a monarchia para defender a Verdade, desliguei-me do rei para acudir á minha Patria.

E o homem que tão cruelmente eu combatera, como inimigo da justiça, como inimigo da nação, ainda de longe me chamava, tentando atrahir-me e seduzir-me. Nem esforço eu gastaria sequer a colher o fructo. A arvore, inclinando-se, depositava-mo na mão. Não o quiz, regeitei-o.

E afinal o mesmo homem, que não aceitava do rei esplendidos presentes em bandeja d'ouro, extorquia-lhe dos bolsos, como um *escroc*, um punhado de libras miseraveis! E' espantoso, chimerico, inaudito, mas é a verdade. Assim o declara *O Povo de Aveiro* no seu libello accusatorio.

A esse libello absurdo, estupido, grotesco, odioso e monstruoso, eu vou oppôr o mais completo desmentido, embora com nauseas e vergonha de me degradar por instantes a similhante discussão. Será uma vez e nunca mais.

Ha já muitos annos, tendo-me dedicado a plantações de vinha no Alto Douro, necessitei de me desfazer, com urgencia, da maior parte das colecções artisticas que lentamente accumulara. Um dos compradores, n'essa época, foi José dos Santos Liborio, negociante em Lisboa, na Avenida. Fiz-lhe duas vendas, a pequeno intervallo, na minha casa do Porto. Escolheu um avultado numero de objectos, pagou-m'os e mandei-lhos para Lisboa. Em seguida vendeu-os como quiz, quando quiz e a quem lhe aprouve. Não tenho n'esses factos nem a sombra da sombra da mais ligeira responsabilidade. Só depois é que o Liborio me disse que D. Carlos fizera acquisição d'alguns objectos que haviam sido meus. E nem sequer perguntei por quanto lh'os vendera. Era-me indifferente.

Os reclamos do "Diario de Noticias„ leio-os agora pela primeira vez, na transcripção.

A totalidade dos objectos que me comprou o Liborio valeria hoje bem mais do que recebi. Podia, no entanto, valer dez vezes menos, porque os caprichos do gosto continuamente influem no commercio d'objectos d'arte. Mas eu firmara um contracto legal com um negociante e nada tinha que ver, com os ganhos ou perdas que d'ahi resultassem.

Affirma o *Povo de Aveiro* que só por tres objectos sem valor eu subtrahi a D. Carlos, escandalosissimamente, nove contos de reis.

Repito: não tenho que dar satisfações a ninguem sobre o preço porque vendi o que era meu a um negociante, nem a pedil-as ao negociante pelo uso que fez do que comprou. Mas a verdade é que esses tres objectos não figuraram nem por quinhentos mil reis, talvez, na somma global das duas vendas ao Liborio. E, ignorando ainda hoje a quantia que por elles alcançou do rei, eu vou demonstrar, indubitavelmente, que os nove contos fabulosos não passam d'uma fabula grosseira.

Nas acquisições do Liborio contavam-se quatro tapetes, do vestibulo da minha residencia na Boavista. Não me lembro da quantia exacta por que lhos cedi. Mas recordo-me bem que não chegou, sequer, a trezentos mil reis. Um d'elles era um tapete de Arrayolos, o outro um tapete da Persia, grande e muito deteriorado, o terceiro um tapete pequeno egualmente da Persia, com leve defeito, e em conservação regular, e o ultimo emfim, um bello tapete hespanhol ou italiano, creio que hespanhol, dos primeiros começos do seculo XVII, extremamente decorativo. Era, como disse, de fabricação hespanhola e nem pela côr, nem pelo desenho, nem de cerca nem de longe se poderia confundir com um tapete da Persia, de qualquer qualidade. Só uma ignorancia desmedida commetteria erro tão grosseiro. Pois bem, os dois tapetes da Persia de que fallo, e cujo valor excederia, ainda ha pouco, setecentos ou oitocentos mil reis, computei-os em menos de cem na venda feita a José Liborio. E na realidade n'essa data, não valeriam muito mais: Um tapete persa, em lã, das dimensões e conservação do tapete hespanhol adquirido pelo rei, comprava-se em Lisboa n'aquella occasião isto é em janeiro de 98, por quinhentos mil reis ou talvez menos. O rei convenceu-se de que o tapete hespanhol era da Persia? Não o creio, mas dou-o como possivel, se nada entendia da questão. Mas o que se torna mathematicamente impossivel é que o pagasse, já não digo por sete contos, mas por um. O rei devia muito bem conhecer o valor usual e normal dos tapetes da Persia n'essa epoca. Vendiam-se em Lisboa com frequencia.

Accrescento que o que vendi ao Liborio lhe foi vendido n'estas condicções: Autenticando-lhe absolutamente aquillo de que eu tinha uma absoluta segurança, e que era quasi tudo, e formulando reservas sobre algum objecto que eu comprara como verdadeiro e verdadeiro suppunha, mas que não ousava garantir-lhe com a mesma certeza illimitada.

Além dos objectos que vendi ao Liborio, alguns lhe mandei á commissão para sua casa, designando-lhe o preço. Mas estes de que fallo, e muitos outros, vendi-lhos a elle directamente.

E agora o epilogo. Em outubro de 1906 chega-me de Lisboa um bilhete anonymo, accusando-me de ter enganado o rei com objectos d'arte que lhe vendera. Quem seria o auctor? Um imbecil? Um bruto? Um malandro? Vão lá sabel-o! Adeus, injurias anonymas e despreziveis. Rasguei o bilhete, deitei-o fóra. Mas o coração, não sei porque, segredava-me: és victima d'uma infamia que alguem, que te odeia está urdindo. Vae-lhe ao encontro. Prepara-te. No dia seguinte tomei o comboio de Lisboa. Apenas almocei, dirigi-me ao estabelecimento do Liborio. Contei-lhe o caso do bilhete, pedi-lhe uma folha de papel e escrevi estas linhas:

"Peço-lhe o obsequio de me responder ás seguintes perguntas:

1.ª Encarregou-o alguma vez, por ventura, de vender qualquer objecto d'arte ao sr. D. Carlos?

2.ª Nas vendas de objectos d'arte que fiz a V. S.ª faltei a qualquer condição estipulada?

Lisboa, 22 d'Outubro de 1906.

De V. S.ª, etc.

Guerra Junqueiro.

Li em voz alta e accrescentei: Responda-me por escrito. Aquelle homem dependia do rei pela grilheta dura dos interesses, e só dependia de mim pelo fio leve da verdade. E comtudo, pegou na penna, escrevendo no verso da carta sem hesitação:

"Em resposta ás suas perguntas sou a dizer-lhe:

1.º— Que V. Ex.ª não me encarregou nunca de vender coisa alguma a S. M. El-rei.

2.º— Que as transacções realisadas entre nós foram sempre regulares e liquidadas.

De V. Ex.ª, etc.

J. dos Santos Liborio.

Dobrei o documento, meti-o na carteira e regressei ao Porto. Chegando a casa, guardei-o. Quem sabe! talvez um dia me fosse ainda muito util. Conheço bem, d'experiencia, a vilesa sinistra de certas almas. Não me enganei, a minha previsão realisou-se. Mas a infamia que havia de morder-me já d'ante-mão estava inerte e aniquilada.

10 de Fevereiro de 1910.

Guerra Junqueiro.

Acabei de ler isto, e ri-me. Não me indignei, não, Souza Nogueira. Nem tive pena de você. Não se incommode por eu o tratar por você, Guerra Junqueiro. Não é ao senhor, é ao Souza Nogueira. Não tendo nenhuma familiaridade comsigo, seria desrespeito, de que não sou capaz, ou prova de desprezo, que não merece, trata-lo por você. Mas no senhor ha duas individualidades. O poeta e o gatuno. Não trato agora de Guerra Junqueiro, que se disfarça para *ciganar*, que se envergonha de si mesmo, que procura fugir á ignominia que o esmaga rastejando na sombra, de mascara, nos dentes uma navalha e nas mãos uma gazua. Oh, não! Eu não me dirijo agora a Guerra Junqueiro, o poeta. Eu dirijo-me a Souza Nogueira, o gatuno.

Foi você, Souza Nogueira, quem escreveu essa carta estupida. Foi você, Souza Nogueira, quem correu a Lisboa, a pedir folha corrida. A quem? Ao rei?

Só havia uma pessoa, ó Guerra Junqueiro, perdão, ó Souza Nogueira, com auctoridade moral para lhe passar folha corrida. O rei D. Carlos, esse que você não quer que *se levante do sepulchro*.

N'este formidavel inquerito á sociedade portugueza, em geral, e ao partido republicano em especial, n'este *dossier* famoso sobre uma patria corrupta, todos veem trazer o seu depoimento. Aqui chovem as queixas, as communicações, os documentos. E entre estes veio esta semana um jornal hespanhol— *El Pais*. Traz a famosa carta que motivou o artigo do *Povo de Aveiro* em 6 do corrente. E n'ella, entre muitas coisas, vem isto, que vae mesmo em hespanhol, que não é peor lingua para bandidos.

Lamento, con los ojos enjutos, la ejecucion del monarca. Pero si tuviese el don de resuscitarlo, no levantaria la lápida de su sepultura.

Comprehendemos, Souza Nogueira, comprehendemos. Se você *levantaria la lápida de su sepultura* . . . adeus folha corrida do Liborio, que você, *para o que désse e viésse*, já tinha no bolso ao escrever isso. Adeus folha corrida e adeus Alpoim, que vem em seu auxilio no *Janeiro* — solidariedade de bandidos — a escrever que você esmagou *com documentos* . . .a calumnia.

Só havia, desgraçado, uma pessoa com auctoridade moral e legal para lhe passar folha corrida. Aquelle a quem você, se tivesse *el don de resuscitarlo*, **no levantaria la lápide de su sepultura.**

Imagine você o Leandro a pedir attestado de bom comportamento ao Fernandes, e o Fernandes a pedir attestado de bom comportamento ao Leandro. Um réo qualquer a pedir folha corrida a outro réo do mesmo crime. Como você se riria! Pois você, que fala em *grotescos*, acaba de fazer . . . essa figura grotesca.

Mas foi assim que você, no dizer do *souteneur* França Borges, desmascarou *um calumniador*. Mas foi assim que você, no dizer do bandido Alpoim, esmagou . . . *a calumnia*

Um dia, o jornalista republicano Alves Correia foi accusado de ladrão. Estava innocente. Mas só um homem podia provar essa innocencia: o auctor d'estas linhas. Eu tinha injuriado Alves Correia na imprensa. Estava com elle a ferro e a fogo. Eram republicanos os que accusavam Alves Correia. Fiavam-se, precisamente para o esmagar, no meu silencio. Alves Correia viu-se n'uma collisão tremenda. Dirigir-se a mim?! Era um pouco humilhante. E se eu me calava? E se eu, por odio, confirmava a accusação? Era terrivel! Mas a innocencia pode muito. Pode muito a verdade, a razão, a justiça. E Alves Correia, innocente, escreveu-me, n'um arranco de justiça. Eu dei-lhe razão, immediatamente. Restabeleci a verdade, n'uma carta publica. Confirmei a sua innocencia.

Era ao rei, só ao rei, a quem você, miseravel, se devia dirigir. Porque se dirigiu ao Liborio? Porque a resposta do Liborio era facil, era certa, e . . . servia. Ainda que você a publicasse em vida do rei, o rei não a . . . desmintiria. Porque não levantaria você a tal lapide de . . . *su sepultura?* Porque agora, sim. Seria tamanha a indignação do rei que não só falaria como . . . procederia. Contra você e contra todos. Trincava-os! Engulia-os!

Era ao rei, só ao rei, a quem você, miseravel, se devia dirigir. Ao seu inimigo. A'quelle que se dizia ter sido ludibriado, explorado, roubado por você. Então, sim. Dar-lhe o coração um salto, por um simples bilhete anonymo, escripto por um *imbecil*, um *bruto*, um *malandro*, vê-lo correr logo, com o coração aos saltos, a Lisboa, e dirigir-se ao Liborio, o seu cumplice, em vez de se dirigir ao rei, a sua victima, a sua *supposta* victima, não é só confirmar o seu crime, Guerra Junqueiro, perdão, Souza Nogueira, é offerecer-se você ao mundo . . . como grotesco. Um aspecto que ainda ninguem lhe conhecia. Toda a gente o suppunha cheio d'intelligencia, d'ironia, de *verve*, d'espirito. E, n'um instante, ei-lo bronco e grotesco!

Eu ri-me quando li na *Patria* a sua carta, Souza Nogueira. Calculei que o *Mundo* transcreveria. Fui ver. Transcrevia. E telegraphei para Lisboa, a José Marques Rosa, isto, apenas: *Leia o Mundo de hontem.* Marques Rosa escreveu-me. Carta só para mim. Nem pensou em ella ser publicada, ao escrevel-a. Por isso mesmo, porque tinha o cunho de sinceridade e de verdade de todas as obras espontaneas, achei-a excellente para o publico. Telegraphei de novo, a perguntar se a podia publicar. A resposta veio, tambem em telegramma. E dizia: *Sim Senhor.*

Ahi vae ella, magnifica.

"Lisboa, 15 de Fevereiro 1910

Sr. Homem Christo

"Acabo de receber o telegramma e ler o *Mundo*. Estou tão indignado contra esses malandros que quasi não posso escrever.

Vou fazer um esforço. Vou impor a mim mesmo a calma necessaria, para lhe mostrar que esse grande poeta nem por ser um grande poeta deixa de ser um grande traficante e o mais infimo dos tratantes.

Posso dizer bem alto: O auctor da *Patria* e da *Morte de D. João* é mais reles que o mais reles gatuno.

Como poeta, tenho por Guerra Junqueiro verdadeira admiração. Como homem e quadrilheiro, o mais profundo despreso.

Tal a minha admiração por o poeta, que, ainda na Empreza, lhe fiz, espontancamente, um serviço, que elle pretendeu premiar com 20$000. O que recusei, dizendo-lhe simplesmente: *Foi por ser ao auctor da "Morte de D. João.„* Olhou-me d'alto a baixo, sem me dizer palavra, e retirou-se, sem talvez pensar que tinha n'aquelle simplorio um dos seus maiores admiradores, que podia dizer-lhe de memoria quasi todos os principaes versos da sua obra, e, o que era mais, um homem que tendo tido na mão um negocio de 300$000, e sendo pobrissimo, o cedera em seu favor.

O caso por que elle quiz premiar-me, foi este: Uma creada que foi á Empreza levar quaesquer objectos para vender em leilão (não me recorda agora o quê) e a quem comecei a fazer galanteios, disse-me, passados dias, que a sua patrôa tinha duas *jarras de barro* que nada valiam, mas que talvez dessem qualquer coisa por ellas em leilão. Para ser agradavel á pequena disse-lhe que as trouxesse, que talvez se vendessem.

Quando vi o que era cahi das nuvens. Eram duas magnificas talhas da India em gommos, com uns 0,70m d'alto, em perfeito estado de conservação. Umas do mesmo, genero, mas por metade do tamanho, estão nas Janellas Verdes com o valor de 150$000.

Emfim, a mulher, julgando pedir muito, pediu 10$000, e eu, duvidoso, disse-lhe que talvez dessem 40$000 ou 45$000 reis. Foi quanto pedi a um fulano que pouco depois appareceu e que percebia tanto do genero como eu. Comprou e não pagou.

A seguir, entra Guerra Junqueiro.

—Quanto custam estas talhas?

—Estão vendidas.

—Por quanto?

—45$000 réis.

—Offereça a quem as comprou 150$000 réis.

Fallei com o comprador, que era meu conhecido.

—Você quer dispensar-me as talhas para mim?

—Não quero.

Chega Guerra Junqueiro.

—O que ha a respeito das talhas?

—Não vendem.

—Offereça 200$000 réis.

Fallo ao homem e taes coisas lhe disse que m'as entregou por o preço porque as tinha comprado.

Novamente Junqueiro.

—Então?

—Não vendem.

—Offereça 300$000 réis.

Divertia-me com o caso.

—São de V. Ex.a por o preço porque primitivamente foram vendidas: 45$000 réis.

Grande pasmo d'elle e a tentativa da recompensa.

D'ahi a minha resposta. Isto é um resumo.

Conto isto a V., porque, dada a reluctancia que de principio mostrou em acreditar o caso, não vá V. julgar que qualquer má vontade contra o homem me levasse a inventar uma calumnia d'aquellas para o diffamar. Sou insuspeito n'este caso.

Sou da mais baixa condição. Sou um pygmeu ao lado d'esses homens. Mas sou incapaz—incapaz!—de levantar uma calumnia seja contra quem for e incapaz de mentir propositadamente mesmo contra os meus maiores inimigos—e tenho-os.

N'este caso, nem isso acontece. Quero dizer, nunca fui inimigo, nem coisa parecida, de Guerra Junqueiro.

Tenho absoluta certesa—absoluta!—de que é rigorosamente verdadeiro o facto.

Vou analysar a defesa de Guerra Junqueiro, que é torpe e muito baixa. Pasma a gente que um homem d'aquella envergadura intellectual escreva com um desplante assim e com aquella audacia.

Tenho, primeiro, que lhe dizer que desconhecia até hoje o tal bilhete anonymo. Digo mais. Julgava ser eu, e mais uma meia duzia de pessoas, quem conhecia o nome do vendedor das *preciosidades*. Excepto, é claro, os palacianos.

Antes dos objectos expostos, durante a exposição e venda, e ainda depois dos objectos vendidos, *houve multissimas conferencias secretas entre Guerra Junqueiro e Liborio no escriptorio d'este, á porta fechada* (1). De maneira que só os deuses puderam ouvir.

Desculpe-me estas maçadas, mas aqui um pormenor. Antes de se passar a cautela d'entrada e quando tudo era segredo, mesmo para os empregados, foi um sujeito perguntar o preço de um dos objectos, (sem grande valor) que estava á vista. Eu, que já me cheirava a pouca vergonha tanto segredo, e não gostava que me fizessem o ninho atraz da orelha, armei em *tanso*, cheguei-me a Liborio com cara de parvo, e disse-lhe:

Está ali fóra um cavalheiro que deseja saber o preço d'um dos objectos do Sr. Guerra Junqueiro.

Oh, diabo que tal disseste! *Isso não se diz a ninguem, minha cavalgadura!* Isto com um d'aquelles berros que só o Liborio sabia dar. «Mas eu não disse», desculpei-me *ingenuamente*. Estava morta a charada!

Dias depois, armei outra vez em *tanso*, e como era prohibido ao empregado, (era este seu criado) deixar entrar qualquer objecto nas salas sem passar a respectiva cautela, sob pena de multa, fui ter com o Liborio e perguntei-lhe: *Em que nome se passa a cautela d'aquelles objectos?*

Olhou para o ar e disse por fim: M. J. Souza Nogueira.

Mais uma confirmacão. A ultima foi, após a venda dos primeiros objectos, o Guerra Junqueiro ir fazer a liquidação da importancia, de que passou recibo.

Houve empenhos para a Casa Real pagar os objectos comprados sem demora, e logo que se recebeu, outra vez o Guerra Junqueiro por a *massa*.

Ninguem disse, nem V. Ex.a, nem eu, que elle tivesse encarregado o Liborio de vender as *bugigangas ao Rei*.

Isso seria uma ingenuidade. O que fizeram, combinados, com certeza, foi armar aquella ratoeira ao Rei, visto ser elle o que melhor podia pagar os objectos, o que melhor cahiria no logro, dada a sua forma de comprar, e o unico capaz de manter o logro, se désse a tempo por elle, dado o estupido principio de que *palavra de rei não volta atraz*.

A pressa e os empenhos que se moveram não tiveram outro fim que não fosse não dar tempo ao Rei para reconhecer que tinha sido ludibriado.

Diz o Guerra Junqueiro que o tapete persa não poderia ter attingido aquelle preço. Foi justamente n'aquella epoca que os tapetes persas attingiram maior preço. Um, approximadamente com as mesmas dimensões e em peor estado, mas verdadeiro, esse, que pertencia a uma egreja de Soures, foi vendido em leilão por 7 contos, para negocio. Na Empreza, verdadeiros farrapos, de verdadeiros persas, chegaram a 100$000 reis e mais.

As respostas do Liborio ao Guerra Junqueiro tambem em nada destroem a falcatrua e são de nenhum valor para o caso. Foi uma *gagice* do Liborio, que em nada salva o Guerra Junqueiro da responsabilidade moral.

Estou mesmo certo, e o contrario seria parvoiçada, que os objectos não foram para alli para serem vendidos *expressamente* ao Rei. Mas que o plano foi intrujarem primeiro o rei, — se elle cahisse, cahia: se não cahisse, adeante—e, depois, todos os outros que cahissem, como elle, isso é que não offerece duvida nenhuma. Pode á vontade o sr. Guerra Junqueiro dizer o contrario.

Os objectos estavam á distancia das vistas dos curiosos, *para os não roubarem* (sic) e *até que sua Magestade os visse*. Assim foi. E tanto, que, depois, toda a gente poude analisar, os restantes, de perto.

Compraram depois alguns a Duqueza de Palmella, Condessa de Val Flôr, etc.

A carta do Guerra Junqueiro é as respostas do Liborio vieram agora lembrar-me uma coisa e talvez seja a isso que o homem se queira referir, mas que nenhum valor tem para o caso. E' muito provavel que o Liborio, vendo que o negocio era bom, acabasse por lhe comprar, ao Guerra Junqueiro, os restantes objectos, que já ninguem queria, mas que o Liborio, ainda na ignorancia de que o rei tinha descoberto a marosca, julgava vendaveis. D'esses fazia parte o bahú, que no jornal o *Salão de Vendas* está em ultimo logar, e que acabou, no fim de muitos leilões, por ser vendido, estou perfeitamente seguro d'isto, por 22$500. Salvo erro, a primeira avaliação foi de 500$000. V. poderá ahi ver, no referido numero do *Salão de Vendas* (2).

A segunda resposta do Liborio tambem é interessante.

Pois como haviam de ser irregulares e não haviam de ser liquidadas as transacções entre os dois, se as irregularidades não o foram entre elles, *os amiguinhos*, mas entre elles e o publico?

Lá que o Guerra Junqueiro recebeu o seu rico dinheirinho, não ha duvida nunhuma, nem ninguem o póz em duvida. Portanto, a resposta nada prova a favor do caso.

Foi o tapete persa, adquirido pelo Rei pelo preço que V. mencionou, e que é o tal em questão, que se reconheceu ser uma falsificação. O mau estado consistia apenas no desenho branco estar todo roido por as traças, o que realmente acontece aos verdadeiros, mas n'aquelle *o roido era propositado*.

O resto, tudo está confirmado por o *Noticias*, e *Salão de Vendas*.

Foge o homem á responsabilidade? Pois é porque vê e concorda que as transacções com o publico não foram regulares.

V. avalia muito bem quanto vale e quanto pesa aquella argumentação.

Comtudo, Guerra Junqueiro é, repito, mais réles que o mais réles gatuno, porque este, ao menos, quando apanhado com a bocca na botija, confessa o roubo e assume a responsabilidade. Ao passo que Guerra Junqueiro esconde-se atraz d'umas evasivas tôlas, miseraveis.

E fica mais uma vez provado que não são falsas as informações que lhe dei. Sem mais, por hoje, que já deve estar enjoado de tanta maçada.

De V. etc.

J. Marques Rosa

Com esta carta, fica o libello instaurado e concluido.

1.º Independente da carta de Marques Rosa, empregado da Empreza Liquidadora, testemunha presencial de tudo quanto occorreu, sabendo por outros operarios das obras das Necessidades o destino que tiveram o tapete e o capacete, manifestamente falsos, como agora Souza Nogueira reconhece, a carta de Guerra Junqueiro, perdão de Souza Nogueira, é logo á primeira vista, para toda a gente de criterio, d'uma mentira flagrante. Porquanto:

2.º Ainda que Guerra Junqueiro, perdão Souza Nogueira, desconhecesse os reclamos do *Diario de Noticias*, — e nunca ninguem disse que fosse elle, e não Liborio, quem os encommendasse directamente — não podia em caso algum desconhecer os reclamos do *Salão de Vendas*, e tanto assim que Souza Nogueira, apressando-se a dizer que só agora conhece os reclamos do *Diario de Noticias*, **por transcripção,** não diz uma palavra sobre o *Salão de Vendas*, nem sobre a transcripção que d'elle fizemos. Logo, a sua supposta ignorancia sobre os reclamos em geral é uma perfeita pantominice.

3.º Os *nove contos fabulosos* não podiam nunca ser uma *fabula grosseira*, inventada por nós, por isso que, mesmo que Souza Nogueira só conhecesse *agora*, *por transcripção*, os reclamos do *Diario de Noticias*, via *agora* muito bem que já então, na epocha, o *Diario de Noticias* declarava que Liborio havia recebido a offerta d'um *conto de reis* pelo capacete, e *importantes offertas extrangeiras* pelas restantes *preciosidades archeologicas* e *raridades artisticas*.

4.º Souza Nogueira sabia muito bem que o rei não parava a examinar o *tapete persa*, apregoado como *primoroso* e *muito antigo* pelo *Diario de Noticias*, e *offerecendo a raridade de ser branco e preto, côres estas de que*, dizia o *Noticias*, **existem muito poucos exemplares.** Assim foi apregoado, assim foi impingido ao rei, e o rei, que não *examinou na occasião*, que confiou na boa fé dos ciganos, cahiu, como cahiria outro qualquer *por mais que percebesse*. O rei percebia, sim. E tanto percebia que, quando *viu* com olhos de vêr, pôz o tapete a servir de capacho aos operarios que trabalhavam nas obras do Palacio Real. Mas n'essa altura... já estava roubado. E roubado, manifestamente, *em contos de reis*, pois tantos reclamos e exaltações de objectos inculcados como *preciosidades archeologicas, raridades artisticas*, coisas *rarissimas* e *antiquissimas*, não eram, evidentemente, para o rei dar por *isso* apenas uns *centos de mil reis*. Souza Nogueira, a querer intrujar o publico com essa léria, não passa d'um refinadissmo brejeiro.

5.º A intrujice aclara-se inteiramente, reflectindo que o nome de Guerra Junqueiro *nunca appareceu* como vendedor dos objectos adquiridos por Liborio. Se Liborio os adquiriu *directamente*, a que vem o nome de M. J. Souza Nogueira? Porque se passou a cautela d'entrada em nome de M. J. Souza Nogueira, em vez de se passar em nome de Guerra Junqueiro?

6.º O *saltinho* a Lisboa, com o coraçãosinho aos pulos, e a folha corrida do Liborio, em vez de provarem a favor, provam, em são criterio, contra Souza Nogueira, que querendo passar por *ratoneiro fino* não passa, afinal, de *ratoneiro porco*.

7.º Liborio já não podia esperar nada do rei, ao passar a folha corrida ao Souza Nogueira, e a treta da *grilheta dura dos interesses* é uma das muitas tretas com que Souza Nogueira intruja ha quarenta annos o paiz todo. O rei tinha descoberto o Liborio e tinha-lhe dado um pontapé, como no artigo de 6 do corrente demonstrámos.

8.º A carta de José Marques Rosa acaba de demonstrar que se Guerra Junqueiro é poeta, e genial poeta, Souza Nogueira é traficante, e emerito traficante, e que Guerra Junqueiro com Souza Nogueira, amalgamados, o mais que dão é um glorioso pulha de bem, e nós temos, e comnosco toda a gente de tino, a theoria de que, entre pulhas, antes o pulha desavergonhado e descarado que o pulha de bem, porque, ao menos, aquelle não illude ninguem.

Poetas assim, dispensam-se. De glorias, estamos fartos. Temos indigestão de glorias. Mas de honra e de pão . . . temos fome.

Pão, é que nós queremos. De honra, é que necessitamos.

Venha pão. Venha honra. E venham glorias honradas, se é possivel harmonisar a gloria e a honra.

As outras, as glorias desavergonhadas, com as quaes se vem afundando de ha muito este paiz, que as leve o diabo para o meio do inferno.

E se quizer mais, responda, Souza Nogueira.

(1) O italico é nosso, para chamar a attenção dos leitores. Não é do auctor da carta.

(2) E' exactissimo. A gravura não vem em ultimo logar no *Salão de Vendas*. Depois d'ella ainda ha tres gravuras, de dois cofres, e d'um calix. Mas o preço marcado, tanto do *Bahú gothico* (as gravuras dos bahus são duas), como do *grande bahú Carlos* 5, é de 500$000 reis.

N. da R.

Policia

Queixam-se alguns jornaes da localidade de falta de policia.

Eis ahi um rico serviço que o sr. governador civil poderia prestar dando um bello exemplo ao paiz: levar as camaras municipaes do districto, que são quasi todas progressistas, a pedir ao parlamento e ao governo a creação d'uma companhia d'infanteria, e d'um pelotão, pelo menos, de cavallaria, da Guarda Municipal, na capital do districto.

Creiam todos os cidadãos que querem a ordem no paiz que, sem uma larga e forte organisação policial, não se faz coisa nenhuma. Antes de tudo é preciso moralidade e justiça. Mas, depois, pau, muito pau, pau a cahir. Pão e pau. A unica base sobre a qual pode assentar a reforma de costumes d'esta selvageria.

Pão para o povo. Pão do corpo e pão do espirito. Alimento e instrucção, com o necessario complemento de educação. Mas tapona de cahir em todos os discolos. Nos malandros, nos arruaceiros d'officio, nos devassos, nos vadios. De cahir! Até aqui tem-se cahido de queixo sob o influxo do vicio. Pois é preciso que esses comecem agora a cahir de queixo sob a vara da justiça. E deixemo-nos de symbolos. Um marmeleiro é, nas nossas circumstancias, a unica vara possivel da justiça.

Augmentem o corpo de policia civil em todas as capitaes de districto. No districto de Aveiro ha 37 guardas. Entre elles os aleijados, os impossibilitados, que, desde que não ha reforma, se não hão de deitar á rua. Trinta e sete guardas para o serviço d'um districto! Augmentem a policia civil. Mas alem de augmentarem a policia civil, augmentem a policia militar. E' indispensavel a creação d'uma força de infanteria e cavallaria da *Guarda Municipal* em cada capital de districto. Deem-lhe a policia das estradas, dos caminhos de ferro, das mattas, alem da policia das ruas. Deem-lhe, pelo menos nas provincias, fóra de Lisboa e do Porto, um caracter mixto. Mas tratem de crear policia séria, policia a valer, e de metter isto na ordem quanto antes.

Quanto antes!

Arsenal do Exercito

Sr. Redactor

Que grandes patuscos me sahiram os *taes* dos corpos gerentes da Associação dos Fabricantes d'Armas e officios Accessorios!

Afinal de contas, o que resulta de aquelle *espalhafato* dos *corpos!?* Resulta *encravarem* as *almas* e confirmarem plenamente serem rigorosamente verdadeiros os factos que lhe narrei.

Tirando o *que eu não disse*, o resto bate certo. Porque a verdade é esta. A' parte as larachas, que não valem *dois caracoes*, aquelles *patetas* das *luminarias* não negam que os factos se tenham passado como os contei a V. E senão veja. Os corpos gerentes (d'estes fazem parte os que se julgam attingidos), confessam que apenas melhoraram de situação quatro operarios, que são os que apontei. O que é uma grave injustiça feita a uma classe numerosissima, que conta entre si muitos homens de rara habilidade e exemplar comportamento, o que, continuo a affirmar, não acontece com os beneficiados.

Confessam tambem os *corpos*, que o sr. Inspector Sequeira teve conhecimento das *inconveniencias* proferidas na *assembleia* de *protesto*, e que o regulamento recolheu á secretaria para ser novamente publicado, com as alterações tão *delicada* e *respeitosamente* pedidas. (E' pau! . . .)

Tambem os homens não negam, antes confirmam, que os *taes* da Commissão de melhoramentos, apenas apanharam a *queijada* quizeram *passar o pé*, porque não estavam já para maçadas.

Confessam ainda, — isto é espantoso! que as mulheres depois de despedidas da Fabrica da polvora, por o coronel Correia Barreto, as taes que teem pouco expediente e pouca cultura, (ellas que lhes agradeçam) foram ali novamente admittidas depois de se entenderem com os *taes intellectuaes* da Commissão de melhoramentos, e estes por sua vez irem fazer *cocegas* no *bem formado coração* do sr. General Sequeira. Foi depois d'isto que o sr. General Sequeira ordenou. Ordenou! Porque um General não *combina* com um coronel, seu subordinado — a readmissão das mulheres.

N'este caso, ou as mulheres foram despedidas com justiça, e o sr. coronel Barreto enguliu o *marmelo*, ou o foram com injustiça, e o sr. coronel Barreto commetteu uma arbitrariedade. E' logico.

Não negaram os *corpos* a qualidade de *tesos* aos *dignos* consocios que julgam attingidos, porque essa está provada com a aggressão que o Gabriel fez ao seu collega Bernardino Telles, por causa d'aquella carrapata com o dr. Mora na Associação, de que resultou os *taes* serem quasi corridos á batata, n'uma assembleia geral, e dar-lhe depois o socio Torri, em desforço, tal murro n'uma *janella* que lh'a pôz, salvo seja, como uma *batata doce*.

Tambem não quizeram os homens discutir os *sics* e *não sics*, porque então teriam de contar as rasões porque o Gabriel esteve 80 dias na *gaveta* e o Carlos Antunes se pôz na *pireza* para terras Andaluzas. Talvez depois não podessem passar-lhes aquelle bom attestado de *honradez*, *ponderação* e *lealismo* com tanta facilidade como o fazem.

Não quizeram, ou esqueceram-se, os *corpos*, de contar a V. que no dia immediato á assembleia de *protesto*, e quando o Gabriel e Carlos Antunes se preparavam para sahir da fabrica, *disseram a todo o pessoal* que o General os mandára chamar, sem saberem para que fosse. E que, depois de regressarem da conferencia, disseram ainda a *todo o pessoal* que o General os mandára chamar para *pedir batatinhas* (textual) e que o regulamento ia ser retirado (como foi), para serem attendidos. — *Olha se a gente não se põe ao alto com elles?! hein!* (textual ainda).

Esqueceram-se de contar isto, e foi pena.

Uma explicação devo a V. Não pretendi, e nem pretendo aggravar pessoalmente este ou aquelle. Narrando-lhe estes factos, apenas tenho em vista concorrer para a historia da Covardia Nacional, que o *Povo de Aveiro* tão brilhantemente vem fazendo.

Porque se quizesse individualisar, contava a V., e dizia-lhe os nomes d'aquelles que, dentro do Arsenal, fornecem magnificas ferramentas a fabricas da industria particular, sem que o Estado receba d'ellas *quines*, ficando ainda prejudicado no material e mão d'obra.

Contava-lhe e dizia-lhe os nomes

d'aquelles que passam para fóra das officinas importantes ferramentas do Estado, que depois vendem por *dez reis de mel coado*; contava-lhe e dizia-lhe os nomes d'aquelles que no dia do anniversario da rainha lhe chamaram, dentro das officinas, aquella *coisa*, de que nenhum d'elles quer ser filho; e muitos outros factos, que, se os não levassem ao *chelindró*, levava-os, com certeza, ao olho da rua.

Não era esse o meu fim, e V. muito bem o deve ter comprehendido. O meu intuito era demonstrar ao sr. General Sequeira, e a todos os directores, que mal andavam transigindo com factos d'aquella ordem, praticando assim uma manifesta covardia. E se eu estava em erro quem tinha a palavra era o sr. General Sequeira e nunca os *corpos*.

De que V. pode ficar certo é de que a coisa já deu de si. O sr. General Sequeira já disse aos sujeitos que lá foram com umas historias muito compridas (isto ouvi eu pelo telephone) que de hoje para o futuro não *transigia* com aquelles casos, porque não queria que lhe chamassem *covarde*.

E elle que lhe chamou *transigencias*, lá tinha as suas razões.

Os corpos gerentes da associação parece terem um meio facilimo de confundirem e esmagarem este seu creado, *malevolo, maldoso e miseravel calumniador*. E' convocarem uma assembleia geral e pôrem á votação com escrutinio secreto, *(não vale chapeladas)* isto: São ou não verdadeiros os factos narrados por o *Povo de Aveiro?* Depois pegam no numero dos *sims* e dos *nãos* dos socios presentes, e mandam a V. D'outra forma, não, por que os *corpos* são compostos com as *cabeças* cá de dentro.

Uma coisa gostava eu que V. perguntasse ao sr. Presidente, Evaristo Marques Esteves. Quem foi a pessoa que offereceu os 50$000 reis a quem descobrisse o nome do auctor d'estas cartas? Talvez elle saiba. Gastavam 30$000 reis e recebiam 20$000 reis.

Uma queijada de 20 *milhafres. Elle é bem mau. Vá lá a ver, home* . . . como dizem os carroceiros a incitarem os companheiros.

Eu cá por mim, aconselho-os a que tentem, mas previno-os que em sabendo, cae-lhes a alma aos pés.

E sabe V., por ultimo, o que consta entre o pessoal do Arsenal do Exercito? E' que a missão diplomatico-militar para que foi nomeado o General Borracho é livrar o sr. Inspector Sequeira de receber em casa a Commissão de melhoramentos, entendendo-se General Borracho directamente com ella na . . . taberna do Cartaxeiro.

Que grandes patuscadas!! E que grandes patuscos!!

De V. etc.,

M. R.

Um defensor de Ramires

Escrevem-nos:

"Francisco Cardoso de Serpa Pimentel tentou, em carta de Paris, desmentir o que dissemos a seu respeito, mas, em verdade, as suas palavras mais confirmaram as nossas.

Elle mesmo parece até esquecido dos pormenores mais interessantes da sua curta, mas já edificante vida, e, assim, ignora que o pae, ha pouco fallecido, fosse levado a separar-se de sua mulher, indo então para a Africa, onde arruinou a saude, abreviando a existencia.

Paz aos mortos que já lá estão na terra da verdade, mas o Francisquinho sabe bem que o pae foi uma constante victima da esposa, passando com ella as passas do Algarve. Logo, o seu primeiro desmentido não colhe. Mente, e mente de caso pensado.

No segundo tem razão: a avó materna está viva e bem tem concorrido para estragal-o, amimando-o e fornecendo-lhe *massa* a occultas do tutor. Foi confusão nossa, pois a suppunhamos já fallecida. Mas o Francisquinho só viveu com ella pouco tempo. Quando sahiu de Campolide foi para casa da avó paterna, viuva do venerando estadista Serpa Pimentel, a quem elle, com as suas estroinices e *boas* companhias, deu grandes desgostos. Esta senhora era doida por elle, mas, apesar de tão arreigada amizade, viu-se forçada a mandal-o sahir de casa. Foi tambem por uma serie de desgostos analogos que o primeiro tutor, tio-avô pelo lado paterno, o conselheiro Eduardo de Serpa Pimentel, felizmente vivo, sériamente se incommodou com a tutoria.

Vamos ao terceiro desmentido:

Ninguem contestou que elle, depois de Campolide, acabasse o curso lyceal na Escola Academica. Foi até n'essa quadra que principiou a dar brado, fugindo do asylo da avó paterna e frequentando alfurjas e logares suspeitos.

O quarto *desmentido* é uma confirmação, na primeira parte: foi e está dado por prodigo por desbarato. Mente porem quando nega que a avó paterna o expulsasse de casa, quando a verdade é que ella o não quiz aturar mais; mente ainda quando affirma que mantem as melhores relações com todos os parentes. Só se é com a avó materna para exigir-lhe dinheiro...

Diz no quinto desmentido que o Ramires não o sugou; viveu á custa d'elle, *o que não é sugar*. Elle, sim, elle é que *suga nos outros*, desde Campolide, *mas d'outra forma*.

Declara que é uma excellente pessoa em Paris, mas tão excellente que a policia franceza o traz vigiado, considerando-o perigoso. Tambem diz que não foi a este, mas áquelle, dos seus primos (ambos ali estiveram) que a policia franceza o não deixou fallar, e nem sequer approximar-se do alojamento régio. O facto deu-se e elle, tão inoffensiva creatura, confessa-o. A policia de Paris considera-o um *dynamitista perigoso*, "mas fal-o açulada pela policia de Lisboa„. O intrujão finge esquecer que foi a policia de lá quem pediu á nossa informações, elucidando-a até a respeito d'aquelle *estudante suspeito*. Ella, a franceza, a da republica, foi quem lhe descobriu as *manhas* e os *vicios*. A de cá ficou banzada pela surpreza.

Aqui fica, em resumo, novamente estampada a vida de Francisco Cardoso de Serpa Pimentel. Está no seu papel emparceirando com bebedos, gatunos e *tombadores de queixo*. Dizem que n'isto é elle . . . *especialista!* E n'outras coisas mais! E' um Borracho novo, levando a palma ao velho, assim como é tambem um bom discipulo do Affonso Costa, que espancava a mãe, porque, á falta d'esta, chegou a levantar a mão para a avó paterna. Quanto ao bem que tem feito á madrasta e aos irmãos, o mariola segue ainda ahi o exemplo do canalha do Affonso Costa: esqueceu-os, porque estão pobres. Nem uma de X! São 8 creanças, uma até ainda de peito.

O mariola a divertir-se em Paris com gente de má nota e a alardear qualidades e merecimentos que não conhece!

Sabe que mais, Chiquinho? Continue na *pandega debochada*, mas deixe-se de desmentidos, porque aliás temos ainda de reserva mais alguns episodios . . . interessantes.

O Alpoim quer-se metter comnosco, mas tem medo. Só dá facadas... indirectas.

Hoje não temos espaço. Mas havemos de tratar...das facadinhas.

NÃO OS POUPEM!

Na terça-feira de entrudo houve um conflicto entre militares e paizanos em cima da ponte dos Arcos, n'esta gloriosa cidade d'Aveiro. Officiaes de infanteria e cavallaria percorreram no domingo gordo as ruas da cidade, a cavallo. Não praticaram o *menor acto* de incorrecção. Antes constituiram a unica nota movimentada, alegre e de tom, n'esse insipido, estupido e achavascado carnaval d'Aveiro. Talvez por isso, certamente por isso devemos dizer, excitaram contra si o odio demagogico d'uma ordinarissima ralé republiqueira que para ahi ha. E na terça feira d'entrudo sentiram-se, desde que sahiram, — porque repetiram n'esse dia a cavalgada— assediados por uma má vontade impertinente e violenta da parte da mesma canalha republiqueira. Começou a canalha por atirar bombas á frente dos cavallos, na esperança de os espantar. Durou horas, esse tiroteio de bombas. Os officiaes, com uma paciencia evangelica, foram contendo os cavallos como poderam e não fizeram caso. Como as bombas não dessem resultado, a canalha recorreu a outro expediente. E desatou a atirar sobre officiaes, e, por fim, sobre sargentos, laranjas, cabeças de nabo, e tudo quanto lhe veio á mão. Aqui o caso esteve serio. Sargentos, soldados d'infanteria e cavallaria, que estavam nas immediações, quizeram logo intervir. Os officiaes, interpondo-se, evitaram o conflicto.

Fizeram bem os officiaes? Fizeram mal? Não sabemos. E' certo que pagaria o justo pelo peccador. Estava alli muito popular que não era connivente na malandragem ignobil da republica. Mas o que é certo é que não basta *não ser connivente*. E' que não basta repellir solidariedades em *silencio*. **Quem cala, consente.** O dever dos operarios serios e honestos é repellir camaradagens indignas ou compromettedoras. Não o fazem? Teem medo de o fazer? Pode n'elles mais a covardia do que a seriedade ou a dignidade? Então já se não pode dizer que paga o justo pelo peccador. Pagam todos *justamente*.

Eu não sei se os officiaes fizeram bem se fizeram mal. O que sei é que isto não entra na ordem *sem meios muito energicos*.

Nós sahimos para a rua prevendo, como sempre, mas no domingo gordo e na terça feira d'entrudo mais do que nos outros dias, a eventualidade d'uma brutalidade ou d'uma chufa. *Os miolos d'um iam pelos ares*. Immediatamente. D'isso podem ter a *absolutissima* certeza. Nós seremos esmagado, triturado, desfeito, e é natural que o sejamos. Mas o primeiro que se nos dirigir, ou um dos do grupo, **um pelo menos**, que se metter comnosco, *fica sem vida*. Claramente e solemnemente lh'o garantimos.

O incidente d'esse dia passou. Passou, não. Os sargentos, á noite, parece que deram bordoada velha n'alguns dos malandrins e parece que continuam dispostos a dar-lhes, e de rijo. Mas nós, pelo que nos toca, como jornalista, fizemos de conta que tinha passado e nada dissemos, para não azedar o caso. No domingo, todavia, deu-se um novo incidente, que nos impõe a obrigação de não ficar por mais tempo em silencio. Um bisborria, que dá pelo nome de *Balão*, lembrou-se de ir para a egreja, para dentro da propria egreja, provocar o padre que prégava o sermão. E' claro, levou, como era d'esperar, uma carga de pontapé e bofetada que lhe deve ficar d'emenda.

Mas não basta. Isto é um symptoma gravissimo. Mais um symptoma d'essa desordem, d'essa anarchia, d'essa pouca vergonha que lavra desenfreada em todo o paiz. Mais um fructo da ignobil, da porca, da repugnante propaganda republiqueira.

Não se deshonre o nome de republica. Não se manche a palavra democracia. Não se deturpe a significação do livre pensamento. Tudo isso, que se diz republicano em Portugal, é canalha, é escoria, é ralé. Intellectuaes e não intellectuaes. Gravatas ou pés descalços.

Tudo isso é canalha, é escoria, é ralé. Tudo isso é baixo. Tudo isso é vil. Tudo isso é a negação da republica, da democracia, do livre pensamento. Os que não são auctores, são cumplices. Os que não fazem, incitam a fazer. Uns atiram a pedra e mostram a mão. Outros atiram a pedra e escondem a mão. Tudo canalha! Tudo escoria! E escoria vil! Ora para a canalha — dil-o-hemos incessantemente—não ha senão um recurso: tapona de cahir.

Já fomos partidario dos meios pacificos. De toda a tolerancia. Da maxima brandura. Hoje não somos. E não somos porque nos disseram os factos que com a canalha não ha tolerancia nem brandura possivel. Apprendemos á nossa custa. Quanto mais tolerancia e brandura, peor. A canalha não tem respeito. Só tem medo.

Dizem que ha uma *choça* em Aveiro, de que fazem parte os *peores elementos*. Dizem que ha armamento escondido, ahi para os lados de Sarrazola, e deve ser verdade. Dizem que os mais emeritos canalhas da cidade pediram licença para porte d'arma, em seguida ao conflicto com os militares, e que a licença *lhes foi concedida*. Pelo menos, *que lhes começou a ser concedida*. Que só depois d'algumas concedidas, negaram outras. Será verdade? Será possivel? O governo civil a conceder licença de porte d'arma aos membros da *choça*, aos depositarios de armamento clandestino?! Quando a licença de porte d'arma só se justifica em circumstancias excepcionaes e com pessoas que possam allegar a necessidade imperiosa de legitima defeza?

Nós tudo julgamos possivel n'este paiz em geral e n'esta terrinha em especial. Vamos indagar e conversaremos muito a serio com o sr. governador civil.

O sr. governador civil, que, tendo excellentes, qualidades tem o defeito capital de ser *boa pessoa*, bem sabe que a epocha vae pessima para a regedoria.

Já se não apanham trutas a bragas enxutas.

Isso foi tempo!

Por absoluta falta de espaço retiramos muitos artigos importantes, entre elles uma resposta do nosso informador a Alfredo Mella.

Um malandro

Lemos no *Cornetim da Margarida*:

De uma *Carta de Lisboa*, de Marinha de Campos:

Mas, ao passo que está sendo impedida nos quarteis da capital a entrada de periodicos e panfletos republicanos, nos quaes, comtudo, se não faz nenhuma propaganda subversiva das instituições militares e, pelo contrario, se manifesta interesse pela defesa nacional e respeito pelo exercito, nelles entra livremente, e até ao abrigo de uma alta protecção, uma publicação escandalosa, verdadeiramente dissolvente da disciplina militar e do prestigio dos galões de oficial, porque é rabiscada por um miseravel expulso das fileiras por falta de capacidade moral para continuar a vestir o uniforme de capitão! Assim, prohibe-se ao soldado que se ponha em contacto com publicações subversivas das instituições politicas da nação e que a nação em grande parte repudia; mas facilita-se-lhe a familiaridade com publicações subversivas de toda a moral, pela falta de honorabilidade de quem as dirige, pela fórma indecente, obscena mesmo, por que são redigidas e pelas intenções ruins e reles que as inspiram! Estranho criterio esse que não consente ao soldado que leia o que escrevem os que pregam o amor da Patria e da Liberdade, a coragem e o espirito de sacrificio, e lhe proporciona ocasião de ler, até gratuitamente, o que escrevinha uma criatura sem senso moral, que o proprio exercito devolveu á sociedade civil como covarde! De ora em deante o soldado portuguez será sequestrado do convivio dos seus compatriotas, durante os tres annos do seu alistamento, e não saberá escolher o seu logar como cidadão, quando tiver pago o seu tributo de sangue. Mas saberá que houve no exercito portuguez um official que, tendo sido alferes, tendo sido tenente, tendo chegado a capitão, foi banido das fileiras por não ter, sequer, categoria moral para tambor e que, todavia, era elle, quem, apesar de paisano, doutrinava nos quarteis, por intermedio de uma publicação, que só pode ser lida sem profundo nojo por quem fôr absolutamente destituido de caracter.

O *souteneur* França Borges commenta:

Quanto a esta ultima parte, digamos que ha males que veem por bens. Aos domingos, em Lisboa, na baixa, nos cafés, tabacarias, etc., ha uma fórma facil de conhecer os degenerados. E' ver o apetite, e o orgulho com que elles engolem e saboreiam o esterco a que se refere a carta de Marinha de Campos. Chegam a fazer dó os aliás repelentes amadores d'aquella especialidade.

E' o que lhes dóe. E este Margarido, por um lado a desejar que nos leiam, e por outro a ter dó de quem nos lê, chega a ser interessante. Como o outro, o Marinha! Quem nos lê, *é absolutamente destituido de caracter*. Para ter caracter é preciso lê-lo a elle, ao Marinha, ao França Borges, ao Arthur Leitão, ao Padua Correia, ao Trinta, e ao . . . Cunha e Costa! E a quejandos depositarios da moral publica em geral e da moral republicana em especial!

E' o que lhes dóe. Ao passo que a tiragem do orgão official da prostituição republicana diminue dia a dia, obrigando os biltres a recorrer a expedientes de jornal fallido, ao passo que a *Lucta* se vê em graves riscos de suspender a publicação, sendo certo que não poderá aguentar-se muito tempo, ao passo que todos os outros jornaes republicanos de Lisboa teem uma tiragem tão insignificante que lhes não dá para a despesa, ao passo que o orgão do austero pulha de bem Duarte Leite caloteia indecentemente os proprios typographos, e desce a vilezas com elles de que se envergonharia todo o jornalista e todo o industrial *medianamente serio*, ao passo que se não aguenta no Porto nenhuma gazeta redemptora — e o paiz é d'elles, e a opinião publica está com elles, affirmam-no a toda a hora — o *Povo de Aveiro* vê-se aos domingos nas mãos de meio mundo em Lisboa, —confessa-o o mesmo biltre França Borges,— e lê-se com *appetite* e com *orgulho* na baixa, nos cafés, nas tabacarias, etc. E' do rufio este significativo *etc.* Como são do rufio as palavras *com appetite* e *com orgulho*.

Entre assignantes e venda avulso exgottam-se em Lisboa 7:000 exemplares cada semana. *Sem que façamos a distribuição de um unico jornal gratuito*. Circulando o *Povo de Aveiro* nos cafés, nos clubs, nos quarteis, em algumas fabricas, como o proprio rufio França Borges e o proprio malandro Marinha de Campos declaram, pode-se affirmar, sem exaggero, que mais de *cincoenta mil pessoas* leem, cada domingo e cada segunda feira, com *appetite* e com *orgulho*, o *Povo de Aveiro* em Lisboa. Só em Lisboa! E está com elles, e é d'elles, a opinião publica! E elles são os *homens honrados!* Os *cavalheiros!* Os *briosos!* E nós somos o homem *sem honra!* O *desqualificado!* Quem os lê a elles são as *pessoas honestas*. Quem nos lê a nós são os *degenerados!* Nós fomos *exauctorado* pelo exercito. E o exercito lê-nos *com orgulho!* Nós fomos expulso dos quarteis. E nós *doutrinamos* nos quarteis, cujas portas, fechadas para elles, se abrem de par em par, *são elles que o dizem*, deante de nós! Elles manifestam interesse pela defesa nacional e *respeito pelo exercito*. E chamam *degenerados* e *pulhas* aos officiaes e sargentos que leem o *Povo de Aveiro*, que o assignam, que o compram, que o fazem entrar nos quarteis, pois só por vontade d'elles, exclusivamente, e manifestamente, elle pode entrar e circular nos quarteis!

Burlescos! Estupidos! São tudo quanto ha de mais pulha! Mas são tudo quanto ha de mais burlesco e de mais estupido!

Nós vamos agarrar no cachaço d'esse safado, d'esse pelintrão que se chama Marinha de Campos, e amachucar-lhe a tromba na propria sujidade, como se faz a um gato porco. Nós vamos fazer rolar na lama, em que vegeta, levando-o adeante do bico da bota, aos rebolões, esse latrinario, esse reptil asqueoso, esse podre da alma e do corpo. Vamos esfregar-lhe no focinho alvar, molhando n'elles um coco, os proprios escarros que derivam d'essa besta mazellenta. Vamos faze-lo chafurdar no *mare magnum* de pus que escorre das chagas d'esses lazaros repellentes. Vamos, sacudindo-lhe as orelhas, enchendo-lhe a cara de bofetadas, mostrar quanto esse histrião do *campo da honra*, esse burlesco da *convenção torpe do duello*, esse *palhaço*, esse *macaco*, esse *snob ridiculo*, é pulha, é reles, é covarde a chamar covarde aos outros. Para esse pierrot, para esse saltimbanco, sem pudor, sem vergonha, sem vestigios de dignidade, nem pessoal nem politica, e, alem de tudo, uma besta, a coragem está em formulas obsoletas, contradictorias, sob todos os aspectos falsas e ridiculas, e não na lucta franca e aberta, cheia de perigos, d'enormes perigos, pela verdade e a justiça. Escarra-se-lhe na cara, fustiga-se-lhe a tromba, sacode-se-lhe o rabo a pontapés, e elle vae a casa pôr sobrecasaca e folhear o codigo da honra. Está-se de accordo com o seu alcorão da honra? Acceita-se a sua theologia do desforço? Elle passa-nos diploma de *homem de honra*, ainda que nós sejamos o ultimo dos pulhas. Não? Elle *desqualifica-nos*, ainda que tenhamos passado uma vida inteira escravisado ao dever e á virtude.

Grotesco! Eu esborracho este pulha. Mas este pulha, acima de tudo, é grotesco!

Este pulha não é capaz d'apparecer deante de mim. Como nenhum! Porque? Porque o *democrata* é rigido na observancia das *leis fidalgas do duello?* Porque o *plebeu borrado* offende os seus pergaminhos desrespeitando os *principios sagrados da nobreza?* Porque as *leis* da *cavallaria* soffrem um insulto, se o bandalho se dirigir a mim de bengala ou de revolver em punho, e tremem no sepulchro os cavalleiros avós ao verem o neto usar processos de villão? Não, que este pulha, este bandalho, este bilontra, defende calorosamente os assassinos que, da maneira mais infame, mais repugnante, assassinaram o desgraçado proletario Nunes Pedro em Cascaes. Não, que este sucio de rufios, de invertidos, de tombadores de queixo, de bebedos, de gatunos, é partidario do Leandro. Não, que este lacaio da *soberania popular* foi solidario e é solidario com os que traiçoeiramente mataram o rei. Não, que este cavallariço do Affonso Costa, este collega do França Borges, este camarada do Arthur Leitão, este amigo do Padua Correia, é aquelle canalha, aquelle malandro, que pedia á *soberania popular* que fosse ao cemiterio, no dia sagrado da revolução, e arrancasse da sepultura o cadaver do pobre policia morto na redacção do *Portugal*, para lhe espalhar os ossos e as carnes putridas pelas ruas da cidade de Lisboa. O grande miseravel! E d'esse modo *dignifica* (termo d'elles, muito em voga) o repugnantissimo canalha, tem *dignificado* e vae *degnificando*, os seus galões . . . d'official pintado! O malandro, para quem seria demasiada honra arrancar-lhe a banda d'official pintado que traz á cinta, e com ella enforca-lo n'uma arvore!

Não, não é por isso que o pulha não é capaz d'apparecer deante de mim. O pulha não apparece, como não appareceu o seu mestre Borracho, o grande mestre Borracho, como não apparece nenhum, unica e exclusivamente por saber, por saberem, todos, o risco certo de lhes irem os miolos pelos ares. Para duellos de fantochada estão elles sempre promptos. Para inglez ver! Mas duellos de morte, e sem formulas . . . espanta elles! Os canalhas!

Uma das coisas mais burlescas d'esta terra, e que bastaria para encher de ridiculo os miseraveis se esta terra fosse uma terra de bom senso e de caracter, é esse espectaculo grotesco dos republicanos, os plebeus, os *borrados*, serem os mais *severos* e *escrupulosos* respeitadores das leis do duello em Portugal. Os *snobs* caricatos! Os democratas de biscuit! Os histriões! Os palhaços!

Faço eu, *desqualificado*, gato sapato d'estes bandalhos. Eu faço, com esta penna de *desqualificado*, e n'um jornal semanal, o que não fez D. Carlos com o seu poder de rei *tyranno* e João Franco com a sua força de dictador *sanguinario*. Eu amarro-os a um poste d'ignominia! Eu chumbo-lhes uma grilheta ao pé e chumbo a grilheta aos marcos das estradas! Eu deixo-os em exposição, lazarentos, chagados, cobertos d'andrajos, de piolhos e de pús! E para cumulo, cuspo-lhes em cima! O rei tem medo d'elles e transige com elles. O ministerio tem medo d'elles e rasteja deante delles, n'uma abjecção e covardia miseravel. A imprensa tem medo d'elles. A magistratura tem medo d'elles. No proprio exercito e na propria policia ha medo d'elles. Eu ato-lhes uma lata ao rabo, e, com um chicote, faço-os correr, d'orelha murcha, sob os apupos do rapazio travesso. Eu puxo-lhes pelas barbas, eu dou-lhes bofetadas, eu dou-lhes pontapés, eu arranco-lhes o fato e, não contente de os vêr nus, ainda lhes arranco a pelle ás vergalhadas. Onde todo o mundo os teme e os vê quasi com pavor, eu rio-me d'elles á gargalhada. Não os dispersam exercitos. Não os perturba o poder, com todo . . . o seu poder. Disperso-os eu. Perturbo-os eu. Inquieto-os eu. Torturo-os eu. Anniquilo-os eu. E os bandalhos, em logar de se calarem, que seria o seu ultimo recurso, ao menos, o unico com que poderiam *fingir* alguma dignidade, o unico com que poderiam dar mostras d'algum senso, ainda praticam a indignidade, a suprema indignidade, a covardia, a suprema covardia, ainda ostentam mais uma vez a sua *absoluta falta de senso*, sahindo-me ao caminho . . . a *guinchar*. Nem é ladrar. E' ganir, é guinchar. E fugindo sempre, de rabo entre as pernas.

A ganir mesmo, a guinchar mesmo, só se atrevem se me suppõem descuidado. Eu olho-os de frente? Bato-lhes o pé? Lá vão elles, a fugir . . . de rabo entre as pernas! Desapparecem.

Burlescos! Grotescos! Ralé da ralé! Escoria miseravel!

Mas agarremos na gargalheira d'este lacaio da *soberania popular*. Amachuquemos-lhe a tromba na propria sujidade. Enterremos-lhe o focinho no lodo que lhe escorre da alma. Ponhamos o pé sobre a cabeça d'este immundo latrinario. E diga lá, Marinha de Campos, que face escolhe você da besta e do canalha?

Diga lá!

Quem nos passou o diploma *d'incapacidade moral?* O exercito? Mas pelo motivo porque o exercito nos passou diploma de *incapacidade moral* passou-nos o directorio do seu partido, constituido em tribunal de honra, *diploma de capacidade moral*. Nós fomos julgado honrado pelo directorio do seu partido, constituido em tribunal de honra. Como *honrado* nos proclamou e apregoou Bernardino Machado, no Centro do Largo de S. Carlos, já depois de reunido o *conselho superior de disciplina do exercito*.

Você lê os *codigos do duello*, bandalho? Você respeita, você observa os principios do campo da honra, pulha? Então diga lá: o que mandam os codigos do duello, o que mandam os principios do campo da honra, quando *são exauctorados* aquelles que proferiram um veredictum de honra sobre quem depositou nas suas mãos os destinos da sua honra? Depois do julgamento das suas testemunhas, depois do julgamento d'um arbitro, quem tem a responsabilidade do julgamento, os julgadores ou o julgado?

Como vê, Marinha, para qualquer lado que se volte, você é sempre um pulha, um bandalho. Você seria sempre um pulha, você seria sempre um bandalho, mesmo que, pretendendo fulminar-nos, fulminasse os julgadores que nos julgaram honrado. E seria sempre um pulha, e seria sempre um bandalho, por isso que, á face dos *codigos do duello*, das *leis da honra*, de que você se diz observador rigoroso, praxista o mais sagrado, desde que um individuo entrega nas mãos d'outros o julgamento da sua honra, a responsabilidade do julgamento recahe sobre quem julgou e não sobre quem é julgado, quando quem julgou publicamente declarou honrado quem foi julgado.

Se o conselho de disciplina alguem exauctorou, foi essa cambada que se chamava directorio. A essa cambada competia, á face de tal codigo da honra, chamar ao campo da honra os generaes. Mas você, ultrapulha, ultra bandalho, canalha sem vestigios de pudor, gaiato prostituido e descarado, ajoelha reverente deante de quem julgou para insultar quem foi julgado.

E eis o seu respeito pelas *leis da honra*, bandalho! E eis — tendo Bernardino Machado solemnemente declarado no Largo de S. Carlos, e no congresso, que sanccionou a conducta do directorio, que nós nunca nos tinhamos recusado a acceitar o duello — e eis o que valem para você as *prasxes da honra*, e os *codigos do duello!* Histrião! Alicantineiro! Bisborria! Palhaço!

E' incontestavel que o directorio, constituido em tribunal de honra, o directorio, a quem você ignobilmente beija o rabo, me julgou honrado. E' incontestavel que o congresso do partido, approvando a attitude do directorio, me julgou, como este, republicano e honrado. Por outro lado, é incontestavel, di-lo você, que os quarteis acceitam o meu primado. Centenas de officiaes são assignantes d'este jornal. Circula largamente nos quarteis este jornal. Vinga a minha doutrina. Triumpha a minha moral. Logo, o exercito, di-lo você, repudia o julgamento do conselho disciplinar. Ou o exercito é pulha! Aqui não ha meio termo. A logica é uma só.

Então, que resta?

Resta, pelo que diz respeito a você, e de você é que eu trato, que sendo Marinha de Campos, perante a evidencia esmagadora da verdade, o ultimo dos pulhas, é tambem o ultimo dos idiotas.

E não apanha coisa melhor—triste fado—*a sublime aurora, a redempção nacional.*

Caçadores 5

Recebemos a semana passada a carta que se vae ler. Mas não veio a horas de ser publicada no ultimo numero. Já informámos os nossos *collaboradores*, e de novo fazemos o aviso, de que todos os originaes devem estar aqui até quinta feira, de manhã, de cada semana. O mais tardar. D'outra fórma serão publicados com atrazo, o que, muitas vezes, prejudica o interesse que elles possam ter para o publico. Perdida a opportunidade, está perdido o interesse.

Segue a carta:

Sr. Director do *Povo de Aveiro*

Não sei se lhe darei novidade com o que vou dizer-lhe, mas parece-me que é conveniente o *Povo de Aveiro* trazer o paiz ao corrente do que os jornaes de Lisboa não dizem por conveniencias varias.

Deve V. ter visto que houve aqui na noite de domingo para segunda feira gorda a mobilisação e passeio do regimento de caçadores 5 que tem dado que fallar. No dia seguinte os jornaes diziam que havia sido por equivoco que o regimento viera para a rua em pé de guerra, mas posso afiançar-lhe que não foi.

Não foi para suffocar qualquer revolução que estava tramada, não ha duvida, mas foi para mostrar que em poucos minutos a *porrada* e *agua á jarra* seria um facto consummado se tanto fosse preciso.

Os gravatas vermelhas ou melhor a *cauda lamacenta de todas as democracias*, como lhe chamava o Cunha e Costa quando ás ordens do Silva da Graça, teem ultimamente feito espalhar em Lisboa que a Guarda municipal está toda republicana, e que um trabalho magnifico de conversão se está operando entre os janizaros, como os jornaes republicanos lhes chamam em seguida a qualquer dose de peixe espada que a Guarda lhes dá.

Propalando isto, que me parece mentira, apesar do que se diz do Camello e do Alvim, os homens tinham em vista, ao que consta, uma *engenhosa* combinação que daria em resultado a revolução com as tropas de todos os outros corpos da guarnição. Diz-se que um logista que tem o maior estabelecimento de Lisboa, fizera confeccionar grande quantidade de fardamentos da guarda municipal e outros corpos. Esses fardamentos seriam envergados por muitos individuos que iriam depois aos corpos da guarnição para os fazer convencer de que a guarda municipal estava do lado dos republicanos e que, portanto, elles se deviam passar tambem e sahir para a rua a proclamar a republica.

Isto se diz e ha até quem affirme que viu guardas municipaes apocryphos na madrugada de segunda feira gorda, o que, de resto, está confirmado pelo *Diario de Noticias*. Apesar da extravagancia, no cerebro republicano toda esta trapalhada podia muito bem germinar e passar á execução.

Só a quem os não conhece é que repugnará acreditar n'uma tentativa, assim mesmo com todo este aspecto de creancada.

No fundo deve haver qualquer coisa de verdade. Elles o que querem é contentar a *cauda lamacenta*, que suppõe que o Grandella tem dinheiro bastante para tudo, e que está furioso por lhe andarem a prender os *chefes de choça barraca* etc., que decretaram a morte do Nunes Pedro. E V., que os conhece melhor que eu, dirá da sua justiça.

Constante leitor e amigo de "O Povo de Aveiro„

Essa historia dos paizanos se vestirem de *tropas* é velha no partido republicano. Era um dos *muitos planos revolucionarios* que precederam o 31 de janeiro. Esse foi proposto, até, por José Chrispiano da Fonseca e Brito, a quem já n'outro dia nos referimos no *Povo de Aveiro*.

Nós contámos alguns no livro que então publicámos e de que vamos transcrever alguns periodos

Por esse costume d'esperar tudo dos outros e das circumstancias, José Elias nada iniciou, em trabalhos de conspiração, nem preparou por si proprio. Mas, em obediencia ao mesmo systema, nada repelliu tambem. O segredo da sua preponderancia no partido esteve n'isso mesmo. Conhecia a massa republicana, intellectualmente e moralmente muito inferior, e jogava habilmente com ella, não como um grande politico que tem em vista grandes fins, que n'esse caso seria muito louvavel a sua habilidade, mas como homem que, no limite estreito dos seus horisontes, subordina tudo á conveniencia de preponderar e dominar. A uns fazendo favores, a outros dispensando sorrisos, aturando todos os tolos com uma paciencia verdadeiramente notavel, acenando com a cabeça, muito attento, a quantas propostas de salvação da patria lhe apresentavam, por mais estrambolicas que fossem, ia entretendo, senão o seu prestigio, pelo menos o seu poderio. Sempre a mesma reserva, as mesmas palavras ambiguas, ou, nas horas solemnes e momentos graves e perigosos, um discurso de duas ou tres horas, que azabumbava os patetas e fazia fugir os mais intelligentes. Em ultimo caso vencia os adversarios pela *maçadoria* e pela pertinacia. Em elle engatilhando um discurso ahi pela meia noite, e só excepcionalmente começaria antes, n'um congresso ou em outra qualquer reunião onde a sua situação politica dentro do partido corresse perigo, ás tres horas da manhã, hora a que o terminava se as circumstancias assim o exigiam, não havia duvida de que se a sala estava quasi vasia, tambem elle estava vencedor. A sua gente, parasitas de todas as especies, isto é, aspirantes a empregos, empregados já collocados, fornecedores da camara municipal de Lisboa, e um ou outro attrahido pelos seus sorrisos e *boas maneiras*, uma especie de companhia bem organisada que cegamente lhe obedecia, essa ficava sempre até ao fim.

Nos periodos anteriores á crise do 27 dias, tive occasião de admirar alguns d'esses discursos, a sua paciencia e o seu *savoir vivre*. Os *revolucionarios* reuniam-se em sessão magna. José Elias presidia sempre. A sua companhia, disciplinada e compacta pelos motivos já rejeridos, deante do chefe não falava nunca. Além d'esses, porém, havia uns adventicios, que, fazendo gala d'independencia, não passavam d'uns infimos comparsas na peça que o fallecido chefe fazia representar como lhe convinha. Eram, em parte, os chefes dos *moços esperançosos* das escolas.

A *independencia*, quando não é auxiliada por convicções bem definidas nem por cerebros bem constituidos, converte-se de ordinario em insignificancia atrevida. Os planos de revolução, os projectos de governo, as perguntas adoutoradas accumulavam-se de todos os lados. Havia, no meio d'aquillo, scenas verdadeiramente ridiculas. Assim um imaginava, como melhor meio de inutilisar a guarda municipal, preparar purgativos para lhe ministrar no rancho. Comprava-se o rancheiro para deitar a mézinha no caldeiro e depois . . . guarda municipal de calças na mão e revolucionarios á vontade. Outro contava que não conhecia melhor plano de revolução que o que lhe tinha fornecido um *fadista*. Duzentos figurões de calças á bocca de sino assaltavam, de faca em punho, um quartel. Das duas uma: ou o regimento sahia com elles, ou, apanhando os soldados desprevenidos, esfaqueavam-n'os a todos. O mais provavel, accrescentava o *revolucionario*, seria sahir tudo. E, concluia, um regimento na rua, todos os outros atraz.

Por mais ridiculo que isto pareça, garantimos a sua authenticidade.

Outro, ainda, pensava em ir buscar espingardas a certo local (1). Para isso arranjava umas carroças; revestia de la os aros das rodas para *não se sentir o rodado;* depois, altas horas da noite, punha o seu projecto em execução.

Um quarto opinava que os soldados em caso nenhum fariam fogo contra o povo, embora lh'o determinassem. E um quinto (2) achava inutil e desnecessaria tanta coisa para se proclamar a republica. O directorio sahia d'um certo sitio e a uma certa hora (3). Descia o Chiado e a rua Nova do Almada. O povo ia-se accumulando. O directorio subia á varanda do edificio da camara municipal e d'ahi proclamava a republica. A monarchia não resistiria a uma prova d'essas.

Tudo isto era dicto a sério por homens novos e velhos, alguns de posição importante, que pareciam estar muito convencidos de tanto disparate. Infelizmente, viu-se mais tarde que os revolucionarios do Porto não eram, em tino pratico, de melhor quilate.

Succediam-se horas d'intervallos e de treguas n'essa azafama de planos revolucionarios. Então surgiam as perguntas sobre o que tencionava fazer o governo provisorio da republica. A questão de fazenda? Onde iria o governo arranjar dinheiro? Como o arranjava? Alianças? Que alianças tinha o partido republicano?

Aqui é que José Elias, traçando o signal da cruz, entrava em scena. Dizer onde a republica iria buscar dinheiro, era, realmente, negocio sério. Um partido de opposição em Portugal a negociar alianças, como de potencia para potencia, tornava-se caso tão grave como o da pedra philosophal. Mas José Elias não desanimava. Mettia mãos á obra e ahi andava elle pela França, pelos Estados-Unidos, pelo Brazil, de conversa com Ruiz Zorrilha, á volta com as varias crises economicas porque Portugal tinha passado, dizendo que se por um lado era *assim*, tambem por outro lado era *assado*, de fórma que no fim, em noventa casos contra dez, o interlocutor já não queria saber do que tinha perguntado, ou porque perdesse as idéas n'aquella trapalhada sem egual, ou porque julgasse tempo perdido insistir, ou porque temesse segunda dóse *d'estopada*, tão horrorosa como a primeira.

O feitio de José Elias era aquelle; não era só systema. Mas era um feitio que quadrava maravilhosamente ás circumstancias de momento.

Eu é que não gostava do feitio e gostava muito menos do systema. Preferia as situações definidas, francas e claras. José Elias tinha para mim todos os vicios e defeitos dos monarchicos. Formava partido, creava clientela, vivia dos mesmos processos, ou corrompendo, ou transigindo sempre á custa dos principios. Seria esse o meio. Mas se, pelo facto do meio se ter tornado mau ou dissoluto, não ha quem moralise, quem regenere com a doutrina e com o exemplo, quem lucte contra os nepotismos, quem tenha força e firmeza para praticar a justiça, então todos os principios nobres e altivos, com que nos atordoam os ouvidos desde que nascemos, são, no fim de contas, uma palavra vã. Se os homens publicos fazem consistir o seu merito e gloria em saber identificar-se com o meio, na maior ou menor habilidade em jogar com os corruptos, escondendo-se no pretexto de que isso é preciso para conseguir um *desideratum* de virtude que nunca se vê, maxima jesuitica de que todos os meios são bons para alcançar um fim, mal empregado o tempo que a humanidade levou a atural-os e ouvil-os. Se José Elias luctasse contra a corrupção que o cercava, é possivel, o que eu não creio, que o partido republicano fosse mais fraco em numero. Mas seria muito mais forte em orientação e em auctoridade. Assim, ficou essa miscellanea d'imbecilidade, d'immoralidade e de egoismo que todos nós conhecemos para ahi. (1)

Essa attitude do fallecido chefe dos *garcias*, e, juntamente, a circumstancia — porque José Elias sacrificava tudo á conveniencia de se conservar sem obstaculos á frente do partido — de eu o ver cercado d'insignificantes, que elle queria em volta de si só porque lhe obedeciam ás cegas, excluindo systematicamente de todos os trabalhos alguns vultos importantes da democracia, veio augmentar o desgosto que de mim se apoderára e que tanto mais crescia quanto as provas surgiam, hora a hora, da força com que a fatalidade perseguia um exercito que não recrutava senão homens, por todos os titulos incapazes de o fazerem cumprir a divisa de honra, que escolhera, e de dar victoria á bandeira gloriosa, que desfraldára. Até que os factos, que vou narrar, me levaram a quebrar o pacto que, de certa fórma e até certo ponto, tinha estabelecido com José Elias.

Fui ao Porto. D'alli escrevi a um intermediario, (2) dizendo-lhe que eram muito más as impressões politicas que recebera. Que o Porto era sempre o mesmo, egoista, mercantil e nada mais.

O intermediario respondeu-me dizendo que visse bem, porque as minhas observações não eram exactas. Que havia coisas importantes que me tinham passado despercebidas.

O que seria?

Fiquei admirado porque José Elias nada me tinha dicto em Lisboa. Mas não indaguei.

Aconteceu n'essa occasião eu travar relações com um republicano do norte muito conhecido, emigrado actualmente (3). Este referiu-me, condemnando o facto, principalmente pela auctoridade moral do individuo, que Santos Cardoso andava em trabalhos revolucionarios com os sargentos da guarnição do Porto, aos quaes promettia o galão de capitão e, accrescentou rindo, trinta e seis mil réis para se fardarem.

Eu ri-me tambem com a historia dos trinta e seis mil réis. Mas tomei nota do caso.

Isto foi em agosto.

Regressei a Lisboa e falei com José Elias. Confirmou-me os trabalhos revolucionarios de Santos Cardoso. Era a esses trabalhos, e aos manejos de Alves da Veiga que com elles se relacionavam e d'elles dependiam, que o intermediario, na sua carta, se referia.

— E o galão de capitão? perguntei.

— D'isso nada sei, replicou José Elias.

— Mas v. ex.ª confirma essa promessa, se d'ella chegar a ter conhecimento?

— Não confirmo nem deixo de confirmar.

— Mas, admittida a hypothese da republica sahir d'esse movimento, v. ex.ª, como membro d'um governo provisorio, supponhamos, daria o grau d'official a esses homens?

— Isso não.

— Pois, n'esse caso, parecia-me melhor que v. ex.ª o declarasse desde já. Dar aos sargentos qualquer galão d'official, é abrir a era dos *pronunciamentos* e pôr contra nós todos os officiaes actualmente existentes. Não lh'o dar, depois d'alguem lh'o haver promettido e d'elles virem para a rua fiados na promessa, é deixar um fermento de descontentamentos no exercito que ha de ser muito prejudicial ao novo regimen.

José Elias encolheu os hombros como quem diz — deixe lá! — e eu vim-me embora.

Na mesma occasião apparecia no Porto a *Republica Portugueza*, que logo nos primeiros numeros encetou uma propaganda feroz, no sentido de excitar os animos das praças de pret do exercito. Tambem isto me pareceu muito inconveniente e disse-o a José Elias.

Eu fui sempre inimigo das revoluções militares. Partindo, porém, do principio de se tornarem indispensaveis, só as admittia mantendo-se tanto quanto possivel a disciplina e sendo as tropas guiadas por espirito patriotico, sem mira em recompensas de qualquer ordem. Sahindo os regimentos dos quarteis, com os seus chefes legitimos no todo ou em grande parte, e regressando a elles sem impôr ao novo governo, para satisfacção d'interesses pessoaes, as suas espadas, nem só o inconveniente disciplinar seria minimo, como não haveria o odioso e o enorme perigo das revoltas de caserna.

Uma revolução feita pelas praças de pret, essa seria a indisciplina, seria a desordem, e eu sabia bem quanto são perigosas essas massas desordenadas, quando se perde a auctoridade e a força do prestigio.

Nem todos pensavam assim.

Coincidiu com estes factos, encadeando-se uns nos outros, a publicação do tratado de 20 de agosto.

Assentou-se, n'uma reunião, que a imprensa discutisse energicamente o tratado, mas sem incitamentos á revolução, salvo em casos extraordinarios. Se a imprensa aconselhasse, como veio a aconselhar, os meios extremos, sem que houvesse elementos para um acto decisivo, o partido desprestigiava-se mais do que estava e convinha evitar novos desaires.

Qual não foi, pois, o meu pasmo, ao vêr lançar-se a imprensa loucamente no campo revolucionario, ao mesmo tempo que demonstrava uma completa falta de sciencia, limitando-se a ir a reboque dos outros, na discussão do convenio?

Não terminaram ahi as minhas decepções.

Eu estava em Aveiro. Logo que vi os jornaes trilharem um caminho errado, parti para Lisboa, a saber o que motivava alteração tão importante no que se havia combinado. Procurei José Elias. Soube, com admiração, que tinha ido para o norte do paiz. Fazer o quê? "Só razões de grande peso, dizia-me um dos seus subditos mais fieis, o podem desculpar de sahir de Lisboa n'esta occasião„.

Assim era. Taes razões, porém, não existiam. Vim mais tarde a conhecer todos os seus passos. O principal chefe republicano fôra ver o Bom Jesus de Braga com sua esposa, e constituir umas commissões politicas insignificantes, quando a imprensa do seu partido gritava com furia pela revolta em Lisboa. Fugia, como sempre, das difficuldades da occasião, e das loucuras que não tinha a franqueza de reprovar abertamente.

As consequencias d'essa tactica, d'essa apregoada habilidade, ahi estão eloquentes e patentes nos desastres do Porto. E quando fosse muito politico e muito *fino* proceder assim, não deixava de ser uma indignidade.

Chegou o dia 15 de setembro, destinado á reabertura das camaras. José Elias chegou a Lisboa n'esse dia. A' noite houve uma reunião em que se discutiram acaloradamente varios planos revolucionarios. Ou n'essa noite, ou na immediata. Os meus apontamentos não precisam bem a data, o que pouco importa para o caso.

Como de costume, muita parlapatice. Os elixires de salvação surdiam de todos os cantos. Não havia um dos presentes que se não julgasse capaz de fazer a republica e de endireitar o mundo.

Fui consultado. Respondi que, pelo que sabia, nada se podia fazer. Qualquer tentativa seria esmagada, a não ser que existissem recursos que eu ignorasse.

Levantou-se uma tempestade d'indignações. Não de José Elias, impassivel e mudo como sempre, nem dos seus adeptos, fieis ao systema de nunca se pronunciarem emquanto o chefe não mandava, mas d'alguns *moços esperançosos* e outros adventicios a que atraz me referi.

— Não ha tropas que nos sigam? Mas ha dynamite, bramava um, furibundo.

— Eu tenho duzentos estudantes que me acompanham, vociferava outro, e com pena de ficarmos todos estendidos nas calçadas, a infamia não ha de passar sem resistencia.

E assim por deante.

Debalde lhes disse que de nada valia a dynamite, que nenhum d'elles, sequer, sabia empregar; nem os duzentos estudantes. Embora fossem muito corajosos, tornava-se impossivel, com probabilidades d'exito, uma lucta contra as forças do governo. Era um sacrificio inutil.

Não queriam crêr. Mas, depois, accommodaram-se e, felizmente, não ficou ninguem estendido nas calçadas.

O governo cahiu, o que estava previsto desde a abertura das camaras. Fui para Aveiro. A crise, porém, prolongou-se além do habitual e eu regressei a Lisboa. José Elias, como em setembro, tinha sahido. N'essa occasião estava em Caneças.

Tanta falta de lealdade e de franqueza era demais. E puz ponto definitivo nas minhas transigencias.

(1) Ao Arsenal do Exercito.
(2) Era Theophilo Braga.
(3) Da Rua dos Mouros, n.º 41-1.º andar. Ao meio dia!

(1) Não esquecer que isto era publicado em 1891.
(2) Perez, então dono do Hotel Continental onde José Elias se hospedava
(3) Bazilio Telles.

Como se vê, o partido republicano não faz senão reproduzir *velhos planos, velhas asneiras, velha rhetorica*. E' sempre o mesmo!

Esse livro, que publicámos em 1891, é, sob esse ponto de vista, e como documento historico, muito interessante. E no actual momento de grande opportunidade. Por isso mesmo estamos procedendo á sua reimpressão. Sahirá brevemente em segunda edição, notavelmente melhorada. Approveitamos a occasião para prevenir d'isso os assignantes do *Povo de Aveiro*, que o receberão por 700 réis, franco de porte, o que equivale a ficar-lhe por 600 réis, pouco mais, se até ao dia 15 de março o reclamarem.

Basta que nos digam em bilhete postal que o desejam. Ser-lhes-ha enviado e faremos, depois, a cobrança pelo correio.

Passado o 15 de março não venderemos o livro a ninguem senão pelo seu preço de livraria, 800 réis.

EDITOS DE 30 DIAS

Neste Juizo e pelo cartorio do escrivão do 4.º officio, Flamengo, nos autos de inventario orphanologico a que se procede por obito de Josefa da Silva Pardalla, casada, que foi moradora na Lagöa, freguezia de Ilhavo, d'esta comarca e em que é inventariante Thomé dos Santos, viuvo da fallecida, residente n'aquelle logar, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este no respectivo jornal, chamando e citando o interessado Manuel Francisco Marieiro, casado, ausente em parte incerta, para assistir a todos os termos até final do referido inventario e n'elle deduzir os seus direitos, sob pena de revelia. Pelo presente são tambem citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem com direitos no mesmo processo para virem deduzil-os, querendo. Aveiro, 3 de Fevereiro de 1910.

Verifiquei.

O juiz de Direito,
Ferreira Dias.

O Escrivão,
João Luiz Flamengo.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Kiosque Flor d'Esperança, rua D. Carlos I. F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Pantistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Kiosque da avenida superior da ponte de D. Luiz I; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.
Espinho—Kiosque Reis. **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Agencia de Publicações de Antonio de Neutel C. da Mesquita. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Pavia**—José Couto Segundo. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Faro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcellino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa de Nova Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira. **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reinato. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Guimarães**—Antonio Araujo Salgado. **Braga**—José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres. **Vianna do Castello**—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Manuel Gonçalves Anacleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete**—Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino. **Serpa**—Celestino Alhinho. **Louzã**—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouvela**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria**—Jayme Monciro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade—o *Varino*. **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria. **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**—(Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luis Fillippe d'Abreu. **Bragança**—Affonso Augusto Teixeira, Rua do Norte. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas.

BRAZIL

Rio de Janeiro—Centro de Publicações de Giaulorenzo, Schettino, Travessa do Ouvidor.
Manaus—Agencia Freitas.
Belem do Pará—Centro de Publicações.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.

Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

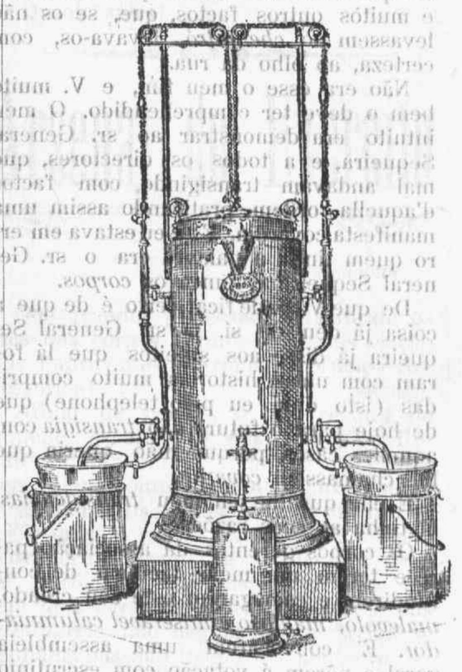
383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene.

Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA

O sr. Julio Vieira da Cruz, proprietario da tabacaria Monaco, é o nosso agente exclusivo para a venda do POVO DE AVEIRO, nas ruas de Lisboa.

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor

DE

O POVO DE AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot, Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo**, *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO,**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o centó